

# **VIRGINIA WOOLF**

**AS  
MULHERES  
DEVEM  
CHORAR... OU**

**AS MULHERES  
DEVEM  
CHORAR...  
OU SE UNIR  
CONTRA A  
GUERRA**

PATRIARCADO E MILITARISMO

VIRGINIA  
WOOLF

---

**AS MULHERES  
DEVEM  
CHORAR...  
OU SE UNIR  
CONTRA A  
GUERRA**

PATRIARCADO E MILITARISMO

ORGANIZAÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS  
TOMAZ TADEU

POSFÁCIO  
GUACIRA LOPES LOURO

**éFe**

**autêntica**

Copyright © 2019 Tomaz Tadeu

Copyright © 2019 Autêntica Editora

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL

*Rejane Dias*

COORDENADORAS DA COLEÇÃO

*Cecília Martins*

*Guacira Lopes Louro*

*Rafaela Lamas*

REVISÃO

*Cecília Martins Lúcia Leão*

CAPA E PROJETO GRÁFICO

*Diogo Droschi*

DIAGRAMAÇÃO

*Waldênia Alvarenga*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Woolf, Virginia, 1882-1941.

As mulheres devem chorar... Ou se unir contra a guerra : patriarcado e militarismo / Virginia Woolf ; tradução, organização e notas Tomaz Tadeu, posfácio Guacira Lopes Louro. – 1. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2019. – (éFe; 1)

ISBN 978-85-513-0493-8

1. Ensaios ingleses 2. Feminismo I. Tadeu, Tomaz. II. Louro, Guacira Lopes. III. Título. IV. Série.

19-23836 CDD-824

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Literatura inglesa 824

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

**Belo Horizonte**

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

## **II TEXTO**

# AS MULHERES DEVEM CHORAR... OU SE UNIR CONTRA A GUERRA

---

## Parte I: As mulheres devem chorar

### I

Seria uma pena deixar sem resposta uma carta tão notável quanto a sua – uma carta talvez única na história da correspondência humana, pois, quando teria, antes, um homem instruído perguntado a uma mulher como, em sua opinião, se poderia evitar a guerra? Façamos, pois, a tentativa, ainda que esteja condenada ao fracasso.

Façamos, em primeiro lugar, aquilo que todas as cartas instintivamente fazem, um esboço da pessoa a quem a carta é endereçada. Sem alguém cálido e respirando do outro lado da página, as cartas são inúteis. O senhor, pois, que faz a pergunta, é um pouco grisalho nas têmporas. Atingiu a meia-idade exercendo, não sem algum esforço, a advocacia; mas, em geral, sua jornada tem sido próspera. Não há nada de empedernido, mesquinho ou desgostoso em sua expressão. E sem querer lisonjeá-lo, sua prosperidade – esposa, filhos, casa – é merecida. Quanto ao mais, iniciou sua educação em um dos grandes internatos privados, concluindo-a na universidade.

É aqui que surge a primeira dificuldade de comunicação entre nós. Indiquemos rapidamente a razão. Nós dois viemos do grupo

que, nesta época de transição, na qual, embora a descendência seja mista, as classes ainda permanecem fixas, é conveniente chamar de classe instruída. Quando nos encontramos pessoalmente, falamos com o mesmo sotaque e conseguimos manter, sem muita dificuldade, uma conversa sobre as pessoas e a política, a guerra e a paz, o barbarismo e a civilização – questões todas, na verdade, sugeridas por sua carta. Além disso, ganhamos ambos a vida com nosso trabalho. Mas... esses três pontos assinalam um precipício, um abismo tão profundamente cavado entre nós que tenho estado aqui sentada, do meu lado, me perguntando se adianta alguma coisa tentar fazer minha fala chegar ao outro lado.

Aqui estamos preocupados tão somente com o fato óbvio, quando se trata de considerar a importante questão de como podemos ajudá-lo a evitar a guerra, de que a educação faz toda a diferença. Algum conhecimento de política, de relações internacionais, de economia é obviamente necessário para entender as causas que conduzem à guerra. A filosofia e até mesmo a teologia podem proveitosamente dar sua contribuição. Ora, a pessoa sem instrução, como o senhor concordará, o homem com uma mente pouco treinada provavelmente não poderia tratar dessas questões de maneira satisfatória. A guerra, como resultado de forças impessoais, está, pois, além da compreensão da mente pouco instruída, pouco treinada. Mas a guerra como resultado da natureza humana é outra coisa. Não acreditasse o senhor que a natureza humana, as razões, as emoções do homem e da mulher comum conduzem à guerra, não teria escrito pedindo nossa ajuda.

Felizmente há um ramo da educação que se inscreve sob a categoria de “educação sem custo” – aquele entendimento dos seres humanos e suas motivações que, desde que a palavra seja expurgada de suas associações científicas, se pode chamar de psicologia. Mas embora muitos instintos sejam tidos, em maior ou menor grau, como comuns a ambos os sexos, guerrear tem sido, desde sempre, hábito do homem, não da mulher. A educação e a

prática transformaram aquilo que pode ser uma diferença psicológica em algo que pode ser uma diferença física – uma diferença de glândulas, de hormônios. Seja como for, um fato é indiscutível – raramente, no curso da história, um ser humano foi abatido pelo rifle de uma mulher; os pássaros e os animais foram e são, em sua grande maioria, mortos por vocês, não por nós.

Como, pois, vamos compreender o seu problema, e, se não conseguirmos, como poderemos responder a sua pergunta sobre como evitar a guerra? A resposta baseada em nossa experiência e nossa psicologia – por que guerrear? – não é uma resposta que tenha a mínima utilidade para vocês. Obviamente há, para vocês, alguma glória, alguma necessidade, alguma satisfação em guerrear, que nós nunca sentimos ou de que nunca extraímos prazer. Uma compreensão total só poderia ser alcançada por transfusão de sangue e transfusão de memória – um milagre ainda fora do alcance da ciência. Mas nós, que vivemos agora, temos um sucedâneo para a transfusão de sangue e a transfusão de memória que deve servir, em caso de necessidade. Há aquele maravilhoso, perpetuamente renovado e até agora amplamente inexplorado recurso para compreender as motivações humanas que é proporcionado em nossa época pela biografia e pela autobiografia e pelos jornais diários. É à biografia, pois, que nos voltaremos, em primeiro lugar, rápida e brevemente, para compreender o que a guerra significa para vocês.

Em primeiro lugar, isto, da vida de um soldado:

Tive a mais feliz das vidas que se pode ter, e sempre trabalhei em prol da guerra, e agora entrei na maior de todas, na flor da idade, para um soldado.... Graças a Deus, partimos dentro de uma hora. Que regimento magnífico! Que homens, que cavalos! Dentro de dez dias, espero, Francis e eu estaremos cavalgando lado a lado em direção aos alemães.<sup>1</sup>

A isso acrescentemos estas palavras, da vida de um piloto de guerra:

Falamos da Liga das Nações e das perspectivas de paz e desarmamento. Sobre esse assunto, ele não era propriamente militarista, mas marcial. A

dificuldade para a qual não conseguia encontrar nenhuma resposta era que, se a paz permanente fosse alguma vez alcançada, os exércitos e as marinhas deixariam de existir, não haveria nenhum meio de vazão para as características viris que as batalhas desenvolveram, e a constituição humana e o caráter humano acabariam por se deteriorar.<sup>2</sup>

Aqui, pois, estão três motivos que levam o sexo que o senhor representa a lutar: a guerra é uma profissão; uma fonte de felicidade e grandes emoções; e também um meio de vazão das características viris, sem as quais os homens se deteriorariam. Mas esses sentimentos e opiniões não são, de modo algum, universalmente partilhados pelo sexo que o senhor representa; isso é demonstrado pelo seguinte extrato de outra biografia, a vida de um poeta que foi morto na guerra – Wilfred Owen:

Tive uma iluminação que nunca será absorvida pelo dogma de nenhuma igreja nacional: a saber, que um dos mandamentos essenciais de Cristo era: Passividade a qualquer preço! Padeça desonra e desgraça, mas nunca recorra a armas. Seja maltratado, ultrajado, deixe-se matar; mas nunca mate.... Vê-se, assim, que o puro cristianismo nunca combinará com o puro patriotismo.<sup>3</sup>

E entre algumas notas para poemas que ele não viveu para escrever estão estas:

A artificialidade das armas... A desumanidade da guerra... A insuportabilidade da guerra... A horrível bestialidade da guerra... A insensatez da guerra.<sup>4</sup>

A julgar por essas citações, é óbvio que o mesmo sexo sustenta opiniões diferentes sobre a mesma coisa. Mas é óbvio também, a julgar pelos jornais de hoje, que, não importa quantos dissidentes haja, os de seu sexo são, hoje, em sua grande maioria, a favor da guerra. Eles são da opinião de que Wilfred Owen estava equivocado; que é melhor matar do que se deixar matar. Entretanto, uma vez que a biografia mostra que são muitas as diferenças de opinião, é evidente que deve haver alguma razão preponderante na gênese dessa esmagadora unanimidade. Deveremos chamá-la, a bem da brevidade, de “patriotismo”? Mas a irmã do homem instruído

– o que o “patriotismo” significa para ela? Tem ela as mesmas razões para se orgulhar da Inglaterra, para amar a Inglaterra, para defender a Inglaterra? Tem sido ela “imensamente abençoada” na Inglaterra?<sup>5</sup>

A história e a biografia, quando inquiridas sobre esses pontos, parecem demonstrar que o lugar dela na morada da liberdade tem sido distintamente diferente do lugar de seu irmão; e a psicologia parece sugerir que a história não deixa de ter seus efeitos sobre a mente e o corpo. Portanto, a interpretação que ela faz da palavra “patriotismo” pode muito bem diferir da dele. E essa diferença pode fazer com que se torne extremamente difícil para ela compreender a definição de patriotismo dada por ele e os deveres que ele impõe. Parece óbvio que pensamos diferente por termos nascido diferentes; há um ponto de vista do soldado e do piloto de guerra; um ponto de vista de um Wilfred Owen; o ponto de vista do patriota; e o ponto de vista da filha de um homem instruído. O próprio clero, que faz da moralidade sua profissão, nos dá conselhos divergentes – sob algumas circunstâncias é certo guerrear; sob nenhuma circunstância é certo guerrear.<sup>6</sup>

Mas além dessas imagens da vida e das opiniões de outras pessoas, dessas biografias e histórias, há também outras imagens – imagens de fatos atuais, fotografias. Fotografias não são, obviamente, argumentos dirigidos à razão; elas são simplesmente asserções factuais dirigidas aos olhos. Vejamos, pois, se quando olhamos para as mesmas fotografias sentimos as mesmas coisas.

Aqui, na mesa à nossa frente, há algumas fotografias. O governo espanhol as envia com paciente pertinácia mais ou menos duas vezes por semana!<sup>7</sup> Não são fotografias agradáveis de se olhar. São fotografias de cadáveres, na maior parte. A coleção desta manhã contém uma que pode ser o corpo de um homem, ou de uma mulher; está tão mutilado que poderia ser, por outro lado, o corpo de um porco. Mas essas são certamente de crianças mortas, e aquilo é, sem dúvida, parte de uma casa. Uma bomba pôs a parede abaixo; ainda se vê uma gaiola de passarinho balançando onde

ficava, supostamente, a sala de visitas, mas o resto da casa mais parece uma caixa de fósforos suspensa no ar.

Essas fotografias não constituem um argumento; são simplesmente exposições de fatos dirigidas aos olhos. Mas o olho está conectado com o cérebro, o cérebro com o sistema nervoso. Esse sistema envia suas mensagens como um raio, que atravessa cada uma das lembranças do passado e cada uma das sensações do presente. Quando olhamos para essas fotografias alguma fusão se dá dentro de nós; por mais diferentes que possam ser a educação e as tradições que nos embasam, nossas sensações, entretanto, são as mesmas. O senhor as chama de “horror e asco”. Nós também as chamamos de horror e asco.<sup>8</sup> E as mesmas palavras nos vêm aos lábios. A guerra, diz o senhor, é uma abominação, um barbarismo; a guerra deve ser interrompida a qualquer preço. E nós ecoamos suas palavras. A guerra é uma abominação, um barbarismo; a guerra deve ser interrompida. Pois agora estamos, ao menos, olhando para a mesma imagem; estamos vendo com o senhor os mesmos cadáveres, as mesmas casas destroçadas.

Essa emoção, essa fortíssima emoção, parece exigir algo mais forte que um nome escrito numa folha de papel, uma hora desperdiçada ouvindo discursos, um cheque preenchido com uma quantia qualquer que possamos nos permitir gastar – digamos, um guinéu.<sup>9</sup> Algum método mais enérgico, algum método mais ativo de expressar nossa crença de que a guerra é bárbara, de que a guerra é desumana, de que a guerra, como disse Wilfred Owen, é insuportável, horrível e brutal, parece ser necessário. Mas, retórica à parte, de que método ativo dispomos?

Vocês, naturalmente, poderiam, uma vez mais, pegar em armas – na Espanha, por exemplo – em defesa da paz. Mas esse, supostamente, é um método que vocês rejeitaram. De qualquer maneira, esse método não está disponível para nós; tanto o Exército quanto a Marinha estão vedados ao nosso sexo. Tampouco nos é permitido fazer parte da Bolsa de Valores.<sup>10</sup> Assim, não podemos

usar nem a pressão da força nem a pressão do dinheiro. Não podemos pregar sermões nem negociar tratados. E também, embora seja verdade que podemos escrever artigos ou enviar cartas para a imprensa, o controle da imprensa – a decisão sobre o que imprimir e o que não imprimir – está inteiramente nas mãos dos que pertencem ao seu sexo. É verdade que há vinte anos passamos a ser aceitas no Serviço Público e na Ordem dos Advogados;<sup>11</sup> mas nossa posição ali é ainda muito precária e nossa autoridade, mínima.

Não apenas somos incomparavelmente mais fracas do que os homens de nossa própria classe; somos mais fracas do que as mulheres da classe operária. Se as operárias do país dissessem: “Se forem à guerra, nós nos recusaremos a fabricar munições ou ajudar na produção de bens”, a dificuldade de entrar em guerra aumentaria consideravelmente. Mas mesmo que todas as filhas dos homens instruídos deixassem de utilizar seus instrumentos de trabalho amanhã, nada de essencial, seja na vida da comunidade, seja no esforço bélico, seria perturbado. Nossa classe é a mais fraca de todas as classes do Estado nacional. Não temos nenhuma arma com a qual fazer valer nossa vontade – nenhuma arma a não ser uma influência ilusoriamente “indireta”, o arduamente conquistado voto, e uma outra. Por alguma razão, nunca satisfatoriamente explicada, o direito ao voto, em si de modo algum desprezível, estava misteriosamente associado a outro direito, de um valor tão grande para as filhas dos homens instruídos, que praticamente todas as palavras do dicionário foram por ele transformadas, inclusive a palavra “influência”. O senhor não julgará que essa afirmação é exagerada se explicarmos que ela se refere ao direito de ganhar a própria vida.

## II

A filha do homem instruído tem agora ao seu dispor uma influência que é diferente de qualquer influência que tenha antes possuído. Não é a influência que a grande Lady, a Sereia,<sup>12</sup> possui;

tampouco é a influência que a filha do homem instruído possuía quando não tinha direito ao voto; tampouco é a influência que possuía quando obteve o direito ao voto mas estava excluída do direito de ganhar a própria vida. É diferente porque é uma influência da qual o elemento da sedução foi removido. É diferente porque é uma influência da qual o elemento do dinheiro foi removido. Ela não precisa mais usar a sedução para obter dinheiro do pai ou do irmão. Uma vez que está além do poder de sua família puni-la financeiramente, ela pode expressar suas próprias opiniões. Em vez de admirações e antipatias, que eram muitas vezes inconscientemente ditadas pela necessidade do dinheiro, ela pode declarar seus genuínos afetos e desafetos. Ela está, finalmente, na posse de uma influência que é desinteressada. A questão que agora, portanto, tem de ser discutida é: como pode ela usar essa nova arma para ajudá-lo a evitar a guerra?

Aqui, o ano sagrado de 1919 vem mais uma vez em nosso socorro. Uma vez que esse ano pôs ao alcance das filhas dos homens instruídos da Inglaterra o direito de ganhar a vida, elas têm, finalmente, alguma influência verdadeira sobre a educação. Elas têm dinheiro para fazer contribuições a causas. Tesoureiras honorárias pedem sua ajuda. E quando tesoureiras honorárias pedem ajuda, é evidente que elas estão abertas à negociação. Para prová-lo, eis aqui, oportunamente, bem ao lado da sua, uma carta de uma delas, pedindo dinheiro para reconstruir uma faculdade feminina. Isso nos dá, imediatamente, o direito de dizer-lhe: “Só terão seu guinéu se ajudarem esse senhor, cuja carta também está à nossa frente, a evitar a guerra”. Mas qual é o significado dessa frase – que condições devemos estabelecer? Que tipo de educação devemos pedir em troca?

Que tipo de educação ensinará as jovens a odiar a guerra? Que razão há para crer que uma educação universitária fará com que as pessoas instruídas se posicionem contra a guerra?

Uma vez que ela está pedindo dinheiro, e uma vez que quem doa tem o direito de impor condições, vamos correr o risco e esboçar

uma carta à tesoureira honorária, estabelecendo as condições pelas quais ela terá o nosso dinheiro para ajudá-la a reconstruir sua faculdade. Eis aqui, pois, uma tentativa:

“Sua carta, senhora, tem estado à espera, sem resposta, por algum tempo. Mas surgiram algumas dúvidas e perguntas. Será que podemos apresentá-las à senhora, com a ignorância a que está sujeita uma outsider, mas com a franqueza que se espera de uma outsider quando solicitada a contribuir monetariamente? A senhora diz, pois, que está tentando arrecadar cem mil libras com as quais pretende reconstruir sua faculdade. Está a senhora tão atormentada com o problema de extrair delicadamente cem mil libras de um público indiferente que só consegue pensar em bazares e sorvetes, em morangos e creme?

“Permita-nos, pois, informá-la: estamos gastando trezentos milhões anualmente com o Exército e a Marinha. Pois há, de acordo com uma carta que está bem ao lado da sua, um grave risco de guerra. Como pode, pois, nos pedir seriamente que lhe dê dinheiro com o qual reconstruir sua faculdade? Que tem feito a sua faculdade para estimular os grandes fabricantes a patrociná-la? Têm vocês assumido um papel de liderança na invenção de implementos de guerra? Quão bem-sucedidas têm sido suas alunas em seu ramo, como capitalistas? Como, então, pode a senhora esperar que legados e doações consideráveis lhe sejam aportados?

“Considere também estas fotografias: são imagens de cadáveres e casas destroçadas. Com certeza, em vista destas perguntas e imagens, a senhora deve considerar muito cuidadosamente, antes de começar a reconstruir sua faculdade, qual é o objetivo da educação; que tipo de sociedade, que tipo de ser humano ela deve procurar produzir. De qualquer maneira, lhe enviarei um guinéu para a reconstrução de sua faculdade apenas se a senhora puder me convencer de ele será usado para produzir o tipo de sociedade, o tipo de pessoa que ajudará a evitar a guerra.

“Discutamos, pois, tão brevemente quanto possível o tipo de educação que se faz necessária. Ora, uma vez que a história e a

biografia – a única evidência disponível a quem é uma outsider – parecem provar que a velha educação das faculdades não produz nem respeito especial pela liberdade nem aversão particular à guerra, está claro que vocês devem reconstruir a sua faculdade de maneira diferente. Ela é jovem e pobre; deixem, portanto, que ela tire vantagem dessas características e seja alicerçada na pobreza e na juventude. Obviamente, ela deve ser, portanto, uma faculdade experimental, uma faculdade ousada. Que seja construída de acordo com diretrizes próprias. Obviamente, deve ser construída não com pedra esculpida e vitrais, mas com algum material barato, facilmente combustível, que não acumule poeira nem perpetue tradições. Não tenham capelas. Não tenham museus e bibliotecas com livros acorrentados<sup>13</sup> e primeiras edições trancadas em armários envidraçados. Façam com que os quadros e os livros sejam novos e estejam sempre mudando. Deixem que ela seja redecorada por cada geração com suas próprias mãos, de forma barata. O trabalho das pessoas cheias de vida é barato; com frequência trabalham de graça simplesmente porque se lhes permite trabalhar.

“Depois, o que deveria ser ensinado na nova faculdade, a faculdade pobre? Não a arte de dominar outras pessoas; não a arte de mandar, de matar, de acumular terra e capital. Essas artes exigem muitíssimas despesas extraordinárias: soldos e uniformes e cerimônias. A faculdade pobre deve ensinar apenas as artes que podem ser ensinadas de maneira barata e praticadas por pessoas pobres – tais como a medicina, a matemática, a música, a pintura e a literatura. Deve ensinar as artes das relações humanas, a arte de compreender a vida e a mente de outros povos e as pequenas artes da conversação, do vestir-se, da culinária, que a elas estão associadas.

“O objetivo da nova faculdade, a faculdade barata, não deve ser segregar e especializar, mas combinar. Ela deve explorar as formas pelas quais a mente e o corpo podem ser postos a cooperar, a descobrir que combinações novas produzem totalidades novas na

vida humana. As professoras devem ser recrutadas tanto entre as pessoas que sabem viver quanto entre as que sabem pensar. Não deve haver nenhuma dificuldade em atrair tais professoras. Pois não haveria nenhuma das barreiras da riqueza e da cerimônia, da publicidade e da competição, que agora fazem das antigas e ricas universidades lugares de habitação tão desagradáveis – cidades de discórdia, cidades onde isto está trancado a chave e aquilo preso a correntes, onde ninguém pode caminhar ou falar livremente por receio de transgredir alguma marca de giz, de desagradar algum dignitário.<sup>14</sup>

“Se a faculdade fosse pobre não teria nada a oferecer; a competição seria abolida. A vida seria livre e simples. As pessoas que gostam de aprender por aprender iriam para lá com prazer. Musicistas, pintoras, escritoras ensinariam lá, cobrando pouco, porque elas iriam aprender. O que poderia ser de maior auxílio para uma escritora, por exemplo, do que discutir a arte da escrita com pessoas que não estivessem pensando em exames ou diplomas ou na honra ou no lucro que a literatura poderia lhes trazer, mas na arte pela arte?

“E assim também seria com as outras artes e artistas. Elas viriam para a faculdade pobre porque esse seria um lugar no qual poderiam desenvolver suas próprias artes; no qual a associação entre as pessoas seria livre, não dividida de acordo com as deploráveis distinções entre rico e pobre, inteligente e estúpido, mas no qual todos os diferentes graus e tipos de mente, corpo e alma seriam considerados dignos de dar sua contribuição. Fundemos, pois, esta faculdade nova, esta faculdade pobre; na qual se busca aprender por aprender; na qual a publicidade foi abolida e não há diplomas, e aulas não são dadas e sermões não são pregados, e antigas e intoxicantes pompas e ostentações que produzem a competição e a inveja...”

Aqui a carta foi interrompida. Não foi por falta do que dizer; foi porque o rosto do outro lado da folha – o rosto que quem está escrevendo a carta sempre vê – parecia estar fixado, com certa

melancolia, numa passagem de um livro importante: “As diretoras de escola preferem, portanto, docentes com nomes seguidos de pomposos títulos em letras maiúsculas, de forma que as estudantes de Newnham e Girton ficam em desvantagem na obtenção de emprego nas escolas”.<sup>15</sup> A tesoureira honorária do Fundo de Reconstrução tinha seus olhos fixados nisso. “De que serve pensar em como uma faculdade pode ser diferente”, parecia dizer, “se ela deve ser um lugar onde as estudantes são ensinadas a conseguir emprego?” “Tenham seus sonhos”, ela parecia acrescentar, voltando-se bastante cansada para a mesa que estava decorando para algum evento, um bazar, presume-se, “disparem suas teorias, se isso lhes agrada, mas temos que encarar a realidade”.

Esta, pois, era a “realidade” na qual seus olhos estavam fixados: deve-se ensinar as alunas a ganhar a própria vida. E uma vez que essa realidade significava que ela devia reconstruir sua faculdade na mesma linha que as outras, concluía-se que a faculdade destinada às filhas dos homens instruídos também deveria fazer com que a pesquisa produzisse resultados práticos que atraíssem legados e doações por parte de homens ricos; deveria aceitar a concessão de graus acadêmicos e o uso de capelos coloridos; deveria acumular uma grande riqueza; deveria excluir outras pessoas da partilha de sua riqueza; e, portanto, em quinhentos anos, mais ou menos, essa faculdade também deveria fazer a mesma pergunta que o senhor está fazendo agora: “Como, em sua opinião, conseguiremos evitar a guerra?”.

Parecia um resultado indesejável; por que, então, contribuir com um guinéu para obtê-lo?

De qualquer maneira, essa pergunta já foi respondida. Nenhum guinéu, de dinheiro obtido com trabalho remunerado, deveria ser dado para reconstruir a faculdade conforme o antigo projeto; é igualmente certo que nenhum guinéu deveria ser gasto na construção de um prédio para a faculdade conforme um novo projeto; o guinéu deveria ter, portanto, a seguinte destinação: “Estopas. Gasolina. Fósforos”. E esta observação deveria ser-lhe

anexada: “Tomem este guinéu e com ele reduzam a faculdade a cinzas. Ateiem fogo às velhas hipocrisias. Deixem que a luz do prédio em chamas espante os rouxinóis e tinja de rubro os salgueiros. E deixem que as filhas dos homens instruídos dancem ao redor do fogo e empilhem braçadas e mais braçadas de folhas mortas sobre as chamas. E deixem que as mães delas venham às janelas do andar de cima e gritem: ‘Deixem que arda! Deixem que arda! Pois estamos fartas dessa ‘educação!’.”

Essa é a resposta um tanto canhestra e deprimente à nossa pergunta sobre se podemos pedir às autoridades das faculdades destinadas às filhas dos homens instruídos que usem sua influência através da educação para evitar a guerra. Parece que não podemos pedir-lhes para fazerem coisa alguma; elas devem seguir pela velha estrada em direção ao velho destino; nossa própria influência como outsiders só pode ser das mais indiretas. Se formos solicitadas a lecionar, podemos examinar muito cuidadosamente o objetivo desse ensino e nos recusar a ensinar qualquer arte ou ciência que estimule a guerra. Além disso, podemos expressar certo desprezo às capelas, aos graus acadêmicos e ao valor dos exames. Podemos dar a entender que um poema premiado ainda pode ter algum mérito a despeito de ter obtido um prêmio. Se formos convidadas a dar uma conferência, podemos nos recusar a promover o vão e vicioso sistema das conferências recusando-nos a dar conferências. E, naturalmente, se nos forem oferecidos títulos e honrarias, podemos recusá-los – como, aliás, em vista dos fatos, poderíamos proceder de maneira diferente?<sup>16</sup>

Mas não há como ignorar o fato de que no presente estado de coisas a maneira mais efetiva pela qual podemos ajudá-lo através da educação a evitar a guerra consiste em contribuir com dinheiro e tão generosamente quanto possível para a manutenção das faculdades das filhas dos homens instruídos. Pois, repetimos, se essas filhas não forem instruídas elas não poderão ganhar a própria vida; se não puderem ganhar a própria vida, ficarão, mais uma vez, restritas à instrução da casa privada;<sup>17</sup> e, se ficarem restritas à

instrução da casa privada, irão, mais uma vez, exercer toda a sua influência, tanto consciente quanto inconscientemente, a favor da guerra.

### III

Agora que demos um guinéu para reconstruir uma faculdade, devemos considerar se não há algo mais que possamos fazer para ajudá-lo a evitar a guerra. Deixe-me mostrar-lhe outra carta, uma carta tão genuína quanto a sua, uma carta que, por acaso, está ao lado da sua sobre a mesa.

Trata-se de uma carta de outra tesoureira honorária e também está pedindo dinheiro. “Poderia a senhora”, escreve ela, “enviar uma contribuição [a uma sociedade que tem como objetivo ajudar as filhas dos homens instruídos a conseguir emprego nas profissões liberais] para nos ajudar na tarefa de ganhar a vida?” “Na falta de dinheiro”, continua ela, “qualquer doação será aceitável – livros, frutas, ou roupas postas de lado que possam ser vendidas num bazar.”<sup>18</sup> Se ela é tão pobre como indica essa carta, então a arma da opinião independente com a qual estivemos contando para ajudá-lo a evitar a guerra não é, digamos assim, uma arma muito poderosa. Por outro lado, a pobreza tem suas vantagens; pois se ela é pobre, tão pobre quanto aparenta, então podemos negociar com ela tal como negociamos com a irmã dela de Cambridge,<sup>19</sup> e exercer o direito, que têm os potenciais doadores, de impor condições.

Devemos descartar, como possíveis contribuintes, aquele grande grupo de mulheres para as quais o casamento é uma profissão, porque se trata de uma profissão não remunerada, e porque a quota espiritual de metade do salário do marido não é, como os fatos parecem mostrar, uma quota real. Portanto, se ele, como os fatos parecem mostrar, é a favor da força, ela também será a favor da força. Em segundo lugar, os fatos parecem demonstrar que a afirmação “ganhar 250 libras por ano é uma proeza até mesmo para uma mulher altamente qualificada e com anos de experiência” não é

uma mentira consumada, mas uma verdade altamente provável.<sup>20</sup> Portanto, a influência que as filhas dos homens instruídos têm, no momento, com base em sua capacidade de ganhar dinheiro, não pode ser classificada como muito grande. Contudo, como é agora, mais do que nunca, óbvio que é a elas que devemos nos voltar em busca de ajuda, pois só elas podem nos ajudar, é a elas que devemos recorrer.

O senhor se recordará de que estamos usando nossa intuição psicológica (pois esta é a nossa única qualificação) para decidir quais são os traços da natureza humana mais suscetíveis de conduzir à guerra. E, por sua natureza, os fatos expostos acima nos fazem perguntar, antes de preenchermos nosso cheque, se, ao estimularmos as mulheres dos homens instruídos a ingressar nas profissões, não estamos estimulando aquelas mesmas características que desejamos evitar. Não deveríamos fazer com que nosso guinéu servisse para assegurar que em dois ou três séculos não apenas os homens instruídos das carreiras profissionais mas também as mulheres instruídas dessas carreiras façam – oh, a quem? como diz o poeta<sup>21</sup> – exatamente a mesma pergunta – como podemos evitar a guerra? – que fazemos agora? Eis aqui, pois, outra carta tentando impor condições à tesoureira honorária de uma sociedade que tem como objetivo ajudar as filhas dos homens instruídos a ingressar nas profissões:

“Senhora, recebi uma carta de um homem profissional nos pedindo para ajudá-lo a evitar a guerra. Além disso, o governo espanhol envia quase toda semana fotografias de cadáveres e casas destruídas. É por isso que estou negociando e discutindo condições.

“Pois a evidência da carta e das fotografias, quando combinada com os fatos que a história e a biografia nos fornecem sobre as profissões, parece lançar certa luz – uma luz vermelha, devemos dizer – sobre essas mesmas profissões. Ganha-se dinheiro nelas, é verdade; mas em que medida o dinheiro, em vista desses fatos, é, por si mesmo, uma posse desejável?

“Se a riqueza extrema é indesejável e é indesejável a extrema pobreza, pode-se argumentar que há algum ponto intermediário entre as duas que seja desejável. Qual é, então, esse ponto intermediário – quanto dinheiro é preciso para se viver hoje em dia? E como deve esse dinheiro ser gasto? Que tipo de vida, que tipo de ser humano, a senhora propõe ter como meta se conseguir extrair esse guinéu?

“Passemos brevemente em revista as vidas dos homens profissionais que foram bem-sucedidos em sua profissão. Eis aqui uma passagem da vida de um grande advogado: ‘Ele ia para o escritório por volta das nove e meia... Levava processos para casa... de maneira que devia se considerar feliz se conseguisse ir para a cama por volta de uma ou duas horas da madrugada’.<sup>22</sup> Isso explica por que quase não vale a pena sentar-se perto da maioria dos advogados de sucesso à mesa de jantar – eles ficam bocejando o tempo todo. Em seguida, eis aqui uma citação do discurso de um político famoso: ‘Desde 1914 não vejo o espetáculo da floração, da primeira ameixeira à última macieira – nunca, desde 1914, vi uma única vez isso em Worcestershire, e se isso não é um sacrifício, não sei o que seria’.<sup>23</sup> Um sacrifício, de fato, e um sacrifício que explica a perene indiferença do governo para com as artes – ora, ministros de Estado devem ser tão cegos quanto morcegos.

“Considere, em seguida, a profissão religiosa. Eis aqui uma citação da vida de um grande bispo: ‘Esta é uma vida horrível, que destrói a mente e a alma. Realmente não sei como vivê-la. As tarefas importantes, em atraso, se acumulam e entram em colisão’.<sup>24</sup> Isso corrobora o que tantas pessoas estão agora dizendo sobre a Igreja e a nação. Nossos bispos e deões parecem não ter nenhuma alma com a qual pregar e nenhuma mente com a qual escrever. Escute um sermão qualquer numa igreja qualquer, leia os artigos do deão Alington ou do deão Inge em qualquer jornal.<sup>25</sup>

“Considere, em seguida, a profissão de médico. ‘Recebi bem mais de treze mil libras durante o ano, mas isso, possivelmente, não poderá ser mantido e, enquanto durar, será escravidão. O que mais

sinto é ficar longe, com tanta frequência, de Eliza e das crianças, nos domingos e também no Natal'.<sup>26</sup> Essa é a queixa de um grande médico; e seu paciente pode certamente replicá-la, pois que especialista da Harley Street<sup>27</sup> tem tempo para compreender o corpo, para não falar da mente ou de ambos combinados, se ele é um escravo por treze mil libras por ano?

“Mas seria a vida de um escritor profissional melhor do que isso? Eis aqui uma amostra tomada da vida de um jornalista de grande sucesso: ‘Um dia desses, a esta hora, ele escreveu um ensaio de 1.600 palavras sobre Nietzsche, um artigo de fundo do mesmo tamanho sobre a greve dos ferroviários para o *Standard*, 600 palavras para a *Tribune* e, no fim da tarde, estava na Shoe Lane’.<sup>28</sup> Isso explica, entre outras coisas, por que o público lê o noticiário político com ceticismo, e os autores leem as resenhas de seus livros com uma régua na mão – é a publicidade que conta; elogio ou desaprovação deixaram de ter qualquer sentido.

“Essas citações não provam nada que possa ser checado e verificado; elas simplesmente nos fazem ter opiniões. E essas opiniões nos fazem duvidar e criticar e questionar o valor da vida profissional: não seu valor monetário – esse é grande – mas seu valor espiritual, moral, intelectual. Elas nos fazem acreditar que se as pessoas são altamente bem-sucedidas em sua profissão elas perdem sua perspectiva, seu senso de proporção; elas estão presas dentro de uma caverna, cegas, aleijadas; ficam tão determinadas a ganhar dinheiro, em obter honrarias, que se tornam competitivas, possessivas, desconfiadas, belicosas e, portanto, tanto quanto podemos confiar no conhecimento psicológico de que dispomos, provavelmente se posicionarão a favor da guerra.

“Nós, as filhas dos homens instruídos, estamos entre a cruz e a caldeirinha. Às nossas costas estão o sistema patriarcal, a casa privada, com sua nulidade, sua imoralidade, sua hipocrisia, seu servilismo. À nossa frente estão o mundo público, o sistema profissional, com sua possessividade, sua inveja, sua beligerância, sua ganância. Um nos mantém presas como escravas num harém;

o outro nos força a rodar, como lagartas enfileiradas,<sup>29</sup> rabo contra cabeça, dando voltas e voltas em torno da amoreira<sup>30</sup> – a árvore sagrada – da propriedade. É uma escolha entre dois males.

“Mas uma outra resposta, assentada nas prateleiras de sua própria biblioteca, pode estar bem diante de nós: ela está, uma vez mais, nas biografias. Desta vez, voltemo-nos para as vidas, não de homens, mas de mulheres do século dezenove – para as vidas de mulheres profissionais. Mas parece haver uma lacuna em sua biblioteca, minha senhora. Não existem vidas de mulheres profissionais no século dezenove.

“Quando Mary Kingsley diz: ‘Ser-me permitido estudar alemão foi toda a educação paga que jamais tive’,<sup>31</sup> ela sugere que teve uma educação não paga. Qual era, pois, a natureza dessa ‘educação não paga’ que, para o bem ou para o mal, tem sido a nossa por tantos séculos? Se reunirmos as vidas das mulheres obscuras<sup>32</sup> que estavam por detrás de quatro vidas que não foram obscuras, mas foram tão bem-sucedidas e notáveis que foram efetivamente escritas – a vida de Florence Nightingale, da srta. Clough, de Mary Kingsley e de Gertrude Bell<sup>33</sup> – parece inegável que foram todas educadas pelas mesmas mestras. E essas mestras, indica a biografia, oblíqua e indireta, mas, não obstante, enfática e indisputavelmente, foram a pobreza, a castidade, a irrisão e – mas que palavra abrange ‘ausência de direitos e privilégios’? Devemos nós, uma vez mais, arregimentar a velha palavra ‘liberdade’? A ‘liberdade relativamente a lealdades irreais’, pois, foi a quarta de suas mestras – aquela liberdade relativamente à lealdade às velhas escolas, às velhas faculdades, às velhas igrejas, aos velhos países, de que todas essas mulheres desfrutaram e de que, em grande medida, nós ainda desfrutamos.

“Qual das duas educações, qual das duas profissões, a paga ou a não paga, é a melhor, é uma questão que não temos tempo agora para analisar. Assim, a biografia, quando se lhe fez a pergunta que lhe fizemos – como podemos ingressar nas profissões e ainda assim continuarmos sendo seres humanos civilizados, seres

humanos que desencorajam a guerra? – pareceu responder: Se vocês se recusarem a se separar das quatro grandes mestras das filhas dos homens instruídos – a pobreza, a castidade, a irrisão e a liberdade relativamente a lealdades irreais – mas combinarem-nas com alguma riqueza, algum conhecimento e alguma dedicação às lealdades reais, então vocês poderão ingressar nas profissões e escapar dos riscos que as tornam indesejáveis.

“Sendo essa a resposta do oráculo, essas são as condições vinculadas a esse guinéu. A senhora o terá, recapitulemos, sob a condição de que ajude todas as pessoas devidamente qualificadas, de qualquer sexo, classe ou cor, a ingressar na mesma profissão que a sua; e, além disso, sob a condição de que, na prática de sua profissão, a senhora se recuse a se separar da pobreza, da castidade, da irrisão e da liberdade relativamente a lealdades irreais.

“Por pobreza entenda-se dinheiro suficiente com o qual viver. Isto é, deve-se ganhar o suficiente para ser independente de qualquer outro ser humano e comprar aquele mínimo de saúde, lazer, conhecimento, e assim por diante, que é necessário para o pleno desenvolvimento do corpo e da mente. Mas não mais do que isso. Nem um pêni a mais.

“Por castidade entenda-se que quando se ganhou o suficiente com o qual viver de sua profissão é preciso se recusar a vender o cérebro por dinheiro. Isto é, deve-se deixar de praticar sua profissão; ou praticá-la em benefício da pesquisa e da experimentação; ou, quando se é artista, em benefício da arte; ou dar o conhecimento adquirido profissionalmente aos que dele necessitam, sem nada cobrar. Mas assim que a amoreira começar a fazê-la rodar, desprenda-se. Ataque a árvore às gargalhadas.

“Por irrisão – uma péssima palavra, mas, como já foi observado, nossa língua está muito necessitada de palavras novas – entenda-se que se deve recusar todos os métodos de proclamar o seu mérito, e sustentar que o ridículo, a obscuridade e a censura são preferíveis, por razões psicológicas, à fama e ao louvor. Assim que

insígnias, comendas ou títulos lhe forem oferecidos, atire-os de volta no rosto de quem os concedeu.

“Por liberdade relativamente a lealdades irreais entenda-se que você deve fazer tudo o que puder para se livrar, antes de mais nada, do orgulho da nacionalidade; e também do orgulho religioso, do orgulho de pertencer a uma faculdade, do orgulho de pertencer a uma escola, do orgulho de pertencer a uma família, do orgulho de pertencer a um sexo, e daquelas lealdades irreais que deles nascem. Assim que os sedutores chegarem com suas seduções para persuadi-la ao cativo, rasgue os pergaminhos e se recuse a preencher os formulários.

“Pois se a senhora concordar com esses termos, então poderá se incorporar às profissões e, ainda assim, continuar incontaminada por elas; poderá se livrar de sua possessividade, sua inveja, sua beligerância, sua ganância. Poderá usá-las para ter uma mente e uma vontade próprias. E poderá usar essa mente e essa vontade para abolir a desumanidade, a brutalidade, o horror, a insensatez da guerra. Tome, pois, esse guinéu e o utilize, não para reduzir a casa a cinzas, mas para fazer suas janelas resplandecerem. E deixe que as filhas das mulheres não instruídas dançam em volta da nova casa, a casa pobre, a casa que fica numa rua estreita pela qual passam os ônibus e onde os vendedores ambulantes anunciam suas mercadorias e as vozes dos navios chegam do rio, e deixe que elas cantem: ‘Estamos fartas da guerra! Estamos fartas da tirania!’ E, de seus túmulos, suas mães darão risadas: ‘Foi para isso que sofremos infâmia e desprezo! Iluminem, filhas, as janelas da nova casa! Façam com que resplandeçam!’.

“Essas são, pois, as condições sob as quais lhe dou este guinéu para ajudar as filhas das mulheres não instruídas a ingressar nas profissões. É uma vela de um pêni, só isso, mas que pode ajudar a lançar luz sobre essas fotografias de cadáveres e casas destroçadas e a assegurar que nenhuma outra geração será forçada a ver o que nós vimos.”

Esta, senhor, foi a carta finalmente enviada à tesoureira honorária da sociedade para ajudar as filhas dos homens instruídos a ingressar nas profissões. Essas são as condições sob as quais ela terá o seu guinéu. Elas foram concebidas, tanto quanto possível, de forma a assegurar que ela fará tudo que estiver ao seu alcance para ajudá-lo a evitar a guerra. Como o senhor verá, era necessário responder a carta enviada por ela e a carta da tesoureira honorária do fundo de reconstrução da faculdade, e enviar a cada uma delas o seu guinéu, antes de responder a carta enviada pelo senhor, porque, a menos que elas recebam ajuda, primeiro, para educar as filhas dos homens instruídos e, depois, para ganhar a própria vida nas profissões, essas filhas não poderão desfrutar de uma influência independente e desinteressada que lhes permita ajudá-lo a evitar a guerra. As causas, ao que parece, estão interligadas.

## **Parte II: As mulheres devem chorar... Ou se unir contra a guerra**

### **I**

Na notável carta na qual o senhor, como homem instruído, pede às filhas dos homens instruídos uma opinião sobre como evitar a guerra, o senhor sugere certas medidas práticas pelas quais podemos ajudá-lo a evitar a guerra. Elas consistem, ao que parece, em assinarmos um manifesto prometendo “proteger a cultura e a liberdade intelectual”,<sup>34</sup> e em aderirmos a certa sociedade, devotada a certas medidas cujo objetivo, é desnecessário dizê-lo, é manter a paz – uma sociedade que, como as outras, é desnecessário dizê-lo, está precisando de fundos.

Demos, na medida do possível, uma opinião sobre como, pelo uso de nossa influência sobre a educação e as profissões liberais, podemos ajudá-lo a evitar a guerra. Agora devemos examinar como, ao proteger a cultura e a liberdade intelectual, podemos ajudá-lo a evitar a guerra, uma vez que o senhor nos assegura que há uma conexão entre essas palavras um tanto abstratas e essas fotografias

tão concretas da Espanha – as fotografias de cadáveres e casas destroçadas.

Mas se foi surpreendente ser solicitada a dar uma opinião sobre como evitar a guerra, é ainda mais surpreendente ser solicitada a ajudá-lo a proteger a cultura e a liberdade intelectual. Pois não é verdade que as filhas dos homens instruídos depositaram no Fundo de Educação de Arthur,<sup>35</sup> de 1262 a 1870,<sup>36</sup> todo o dinheiro que era necessário para elas próprias serem educadas, excetuando-se aquelas míseras quantias que serviam para pagar as preceptoras, a professora de alemão e a professora de dança? E contudo eis que surge sua carta informando-lhes que toda essa vasta soma, essa fabulosa soma – pois, seja ela calculada diretamente em moeda sonante, seja indiretamente em coisas que não a envolvem, a soma que sustenta o fundo educacional de seus irmãos é imensa – tem sido desperdiçada ou indevidamente aplicada. Se os internatos e as universidades, com sua enorme riqueza e sua complexa engrenagem para o treinamento da mente e do corpo, fracassaram, que razão haveria para pensar que sua sociedade, embora patrocinada, como é, por nomes ilustres, será bem-sucedida, ou que seu manifesto, assinado, como é, por nomes ainda mais ilustres, irá provocar conversões?

Pedir às filhas dos homens instruídos que precisam ganhar a vida lendo e escrevendo que assinem seu manifesto de nada serviria à causa da cultura desinteressada e da liberdade intelectual, porque, tão logo o assinassem, elas deveriam estar a postos na escrivaninha escrevendo aqueles livros, discursos e artigos pelos quais a cultura é prostituída e a liberdade intelectual é escravizada.

Torna-se, assim, claro, senhor, que devemos fazer nosso apelo apenas àquelas filhas dos homens instruídos que têm o suficiente com que viver. Mas, pode muito bem perguntar essa mulher, o que quer dizer esse cavalheiro com cultura “desinteressada”, e como irei eu, na prática, proteger essa cultura e a liberdade intelectual?

Vamos remetê-la à tradição que tem sido honrada na casa privada por tanto tempo – a tradição da castidade. “Estamos lhe

pedindo, senhora, que prometa não cometer o adultério do cérebro porque se trata de uma ofensa muito mais séria que a outra.”

“O adultério do cérebro”, pode ela replicar, “significa escrever por dinheiro o que não quero escrever. Portanto, vocês me pedem que diga não a todos os diretores de jornal, donos de editora, organizadores de palestras, e assim por diante, que tentam me persuadir a escrever ou falar por dinheiro o que não quero escrever ou falar?”

“É isso mesmo, senhora; e lhe pedimos também que, caso venha a receber propostas desse tipo, a senhora se mostre ofendida ou as denuncie tal como se mostraria ofendida ou denunciaria, tanto para o seu próprio bem como para o bem de outras, propostas para vender o seu corpo. Mas gostaríamos que observasse que o verbo ‘adulterar’ significa, segundo o dicionário, ‘falsificar, pelo acréscimo de ingredientes inferiores’. O anúncio e a publicidade também provocam adulteração. Assim, a cultura misturada com a sedução pessoal e a cultura misturada com o anúncio e a publicidade também são formas adulteradas de cultura. Devemos pedir-lhe que as repudie; que não se apresente em tribunas públicas; que não permita que sua figura privada, assim como detalhes de sua vida privada, apareçam em publicações;<sup>37</sup> que não se valha, em suma, de quaisquer das formas de prostituição da mente que são tão insidiosamente sugeridas pelos cafetões e alcoviteiros do ramo do comércio de cérebros. E medalhas, honrarias, títulos – todos os badulaques e papeluchos pelos quais o mérito cerebral é anunciado e certificado – devemos pedir-lhe que os recuse terminantemente, uma vez que são todos indícios de que a cultura se prostituiu e a liberdade intelectual se rendeu ao comércio da escravidão.

“A prensa tipográfica caseira é hoje uma realidade e não está fora do alcance de um orçamento modesto. Máquinas de escrever e mimeógrafos são hoje uma realidade e são ainda mais baratos. Ao fazer uso desses instrumentos baratos e, por enquanto, lícitos, a senhora pode se livrar de uma vez por todas da pressão de comissões e diretrizes editoriais e de editores. Esses instrumentos

expressarão a sua própria mente, em suas próprias palavras, ao seu próprio ritmo, à sua própria medida, ao seu próprio comando. E essa, estamos de acordo, é nossa definição de 'liberdade intelectual'."

"Mas", pode ela dizer, "e o público? Como pode ele ser atingido sem que eu precise enfiar meu cérebro na máquina de moer e transformá-lo em linguiça?"

"O público, minha senhora", podemos assegurar-lhe, "é muito parecido conosco; mora em quartos; anda pelas ruas e, sabe-se, além disso, que está farto de linguiças. Enfie panfletos pelas janelinhas dos porões; exponha-os em barracas; circule com eles pelas ruas em carrinhos de mão para vendê-los por um pêni ou simplesmente distribuí-los de graça. Encontre novas formas de se aproximar do público; individualize-o em pessoas separadas em vez de juntá-lo num monstro único, de corpo volumoso e mente débil. E, então, reflita – uma vez que a senhora tem o suficiente com que viver; tem um quarto, não necessariamente 'aconchegante' ou 'lindo', mas ainda assim silencioso, privado; um quarto no qual, a salvo da publicidade e seu veneno, a senhora pode, até mesmo cobrando uma quantia razoável pelo serviço, falar a verdade a artistas, escritoras, sobre pinturas, músicas, livros, sem receio de afetar suas vendas, que são exíguas, ou ferir a vaidade delas, que é notória. Não são as pessoas, privadamente, os melhores críticos, e não é a crítica oral a única crítica que vale a pena se ter?"

"Essas são, pois, algumas das formas ativas pelas quais a senhora, como escritora de sua própria língua, pode colocar sua opinião em prática. Mas se a senhora for passiva – uma leitora, não uma escritora – então deve adotar não métodos ativos mas passivos de proteger a cultura e a liberdade intelectual."

"E quais seriam eles?", perguntará ela.

"Abster-se, obviamente. Não assinar jornais que encorajem a escravidão intelectual; não assistir a palestras que prostituam a cultura; pois concordamos que escrever sob as ordens de outrem o que não se quer escrever é ser escravizada, e misturar a cultura

com sedução pessoal ou publicidade é prostituir a cultura. Por meio dessas medidas ativas e passivas a senhora faria tudo que está ao seu alcance para romper o circuito, o círculo vicioso, a interminável dança em torno da amoreira – a árvore venenosa da prostituição intelectual.

“Uma vez rompido o circuito, a prisioneira será libertada. Pois quem pode duvidar que, se as escritoras tivessem a chance de escrever o que gostam de escrever, elas achariam isso tão mais agradável que se recusariam a escrever sob quaisquer outras condições; e quem pode duvidar que se as leitoras tivessem a chance de ler o que as escritoras gostam de escrever, achariam isso tão mais revigorante do que aquilo que é escrito por dinheiro que se recusariam a continuar se satisfazendo com o insosso sucedâneo?”

## II

Consideremos agora, senhor, seu último e inevitável pedido: darmos uma contribuição aos fundos de sua sociedade. Com sua carta à nossa frente, temos sua garantia de que estará lutando ao nosso lado, não contra nós. Esse fato é tão inspirador que exige uma celebração. O que poderia ser mais apropriado, agora que podemos enterrar a velha palavra “feminista”, do que escrever mais palavras mortas, palavras corrompidas, palavras obsoletas, em folhas de papel e queimá-las – as palavras “tirano”, “ditador”, por exemplo? Lamentavelmente, essas palavras ainda não estão obsoletas. Ainda podemos ver traços de ditadura revelados nos jornais, sentir ainda um odor peculiar e inconfundível de tirania masculina na região de Whitehall e Westminster.<sup>38</sup>

E no exterior o Monstro veio mais abertamente à tona. Ali não há como confundi-lo. Ele aumentou seu âmbito de atuação. Agora ele está interferindo na liberdade de vocês; agora ele está ditando como devem viver; ele está fazendo distinções não apenas entre os sexos, mas também entre as raças. Vocês sentem na carne o que nossas mães sentiram quando foram excluídas, quando foram caladas, porque eram mulheres. Agora vocês estão sendo

excluídos, estão sendo calados, porque são judeus, porque são democratas, por causa da raça, por causa da religião.

Não é mais uma fotografia que estão olhando; ali vão vocês, acompanhando pessoalmente a procissão. E isso faz diferença. A absoluta iniquidade da ditadura, seja em Oxford ou Cambridge, seja em Whitehall ou Downing Street, contra os judeus ou contra as mulheres, na Inglaterra ou na Alemanha, na Itália ou na Espanha, é agora visível para vocês. Mas agora estamos lutando juntos. Esse fato é tão inspirador, mesmo que nenhuma celebração seja ainda possível, que se este guinéu que o senhor pediu pudesse ser multiplicado um milhão de vezes, todos esses guinéus deveriam estar à sua disposição sem quaisquer condições a não ser as que o senhor impôs a si mesmo. Tome, pois, este guinéu e o utilize para afirmar “os direitos de todos – todos os homens e todas as mulheres – ao respeito individual dos grandes princípios da Justiça e da Igualdade e da Liberdade”.

Resta apenas mais uma solicitação sua a ser analisada – a de que devemos preencher um formulário e fazer parte de sua sociedade. O que pode haver de mais simples do que preencher um formulário e se juntar à sociedade à qual este guinéu acabou de ser concedido? À primeira vista, quão fácil, quão simples; mas no fundo, quão difícil, quão complicado...

A sociedade é muito menos satisfatória para nós, mulheres, que temos partilhado, em comparação com vocês, de pouquíssimos de seus bens, de muitíssimos de seus males. Inevitavelmente, portanto, vemos a sociedade como uma forma inadequada que distorce a verdade, deforma a mente, agrilha a vontade. Inevitavelmente vemos a sociedade como conspirações e conglomerados que fazem murchar o irmão privado,<sup>39</sup> que muitas de nós temos motivos para respeitar, e inflam, em seu lugar, um macho monstruoso, de voz forte e punhos duros, infantilmente decidido a traçar com giz, no chão do mundo, demarcações, a passar por ritos místicos e a desfrutar do duvidoso prazer do poder e da dominação,

enquanto nós, “as mulheres deles”, ficamos firmemente trancadas no interior da casa privada.

Por essas razões, que não são pura razão mas parte emoção e parte lembrança – pois quem analisará a complexidade da mente que mantém agora dentro dela um reservatório do tempo passado? – parece impossível preencher seu formulário e juntar-se à sua sociedade. Pois, ao fazê-lo, estaríamos simplesmente nos incorporando a vocês; seguindo e retomando e marcando mais profundamente os velhos e gastos sulcos nos quais a sociedade, como um gramofone cuja agulha emperrou, despeja com intolerável unanimidade: “trezentos milhões gastos em armas”.

Esboçemos, pois, rapidamente, em linhas gerais, o tipo de sociedade que as filhas dos homens instruídos podem fundar e à qual podem se juntar, separada da sua, mas em cooperação com seus fins. Em primeiro lugar, essa nova sociedade, o senhor ficará aliviado em saber, não teria nenhuma tesoureira honorária, pois não precisaria de nenhum fundo. Não teria nenhum escritório, nenhuma comissão, nenhuma secretária, nem mesmo papel de carta. Não convocaria nenhuma reunião; não realizaria nenhuma conferência. Se é para ter um nome, poderia ser chamada de Sociedade das Outsiders. Ela se comporia de filhas de homens instruídos, trabalhando em sua própria classe – como, na verdade, poderiam elas trabalhar em qualquer outra? – e segundo seus próprios métodos, em prol da liberdade, da igualdade e da paz.

Seu primeiro dever, com o qual não se comprometeriam através de nenhum juramento, seria, naturalmente, o de não pegar em armas. É fácil para elas cumpri-lo, pois, na verdade, como nos informam os jornais, “o Conselho Militar não tem nenhuma intenção de iniciar o processo de recrutamento para nenhum batalhão feminino”. Depois, elas se recusariam, no caso de guerra, a produzir munições ou a cuidar dos feridos. O terceiro dever com o qual se comprometeriam é de dificuldade considerável, e requer não apenas coragem e iniciativa, mas também o conhecimento específico que tem a filha do homem instruído. Trata-se, em resumo, não de incitar

seus irmãos a lutar, ou dissuadi-los disso, mas de manter uma atitude de total indiferença. Como lutar é, claramente, uma característica sexual de que a mulher não pode compartilhar – a contraparte, sustentam alguns, do instinto maternal, de que o homem não pode compartilhar – trata-se, portanto, de um instinto que ela não pode julgar. A Outsider, deve, portanto, deixar seu irmão livre para tratar sozinho desse instinto.

Mas a Outsider terá como dever basear sua indiferença não simplesmente no instinto, mas na razão e nos fatos. E ela aplicará essa norma ao seu próprio caso. Como, na maioria dos países, ela perde a nacionalidade após o casamento, ela insistirá que se trata, em geral, de uma vantagem, uma vez que qualquer formulário que estampe a marca da nacionalidade numa pessoa livre é um estigma – uma restrição em vez de uma liberação. Ela se comprometerá a não participar de nenhuma demonstração patriótica; a não consentir com qualquer forma que seja de autoglorificação nacional; a não fazer parte de qualquer claque ou plateia que estimule a guerra, ausentando-se de exposições militares, torneios, premiações e quaisquer cerimônias desse tipo que estimulem o desejo de impor nossa civilização ou “nosso” domínio sobre outros povos.

### III

Mas há outra maneira pela qual as Outsiders podem se obrigar a cumprir esse dever – uma maneira mais afirmativa, embora ainda mais difícil. E essa maneira consiste em ganhar a própria vida; em continuar a ganhar a própria vida enquanto a guerra estiver em andamento. A história está aí para nos assegurar que este método tem uma influência psicológica, uma grande força dissuasiva sobre os belicistas. Na última guerra, as filhas dos operários provaram isso ao mostrar que podiam fazer o trabalho de seus irmãos durante sua ausência. Elas provocaram, assim, sua desconfiança e sua ansiedade com a perspectiva de que as vagas deles pudessem ser permanentemente preenchidas em sua ausência, e lhe proporcionaram um forte incentivo para terminar a guerra.

Assim, uma Outsider deve ter como tarefa fazer pressão em favor de um salário digno em todas as profissões agora disponíveis para o seu sexo; além disso, ela deve criar novas profissões nas quais ela possa adquirir o direito a uma opinião independente. Ela deve, portanto, se comprometer a fazer pressão por um salário em espécie para as trabalhadoras não remuneradas de sua própria classe – as filhas e irmãs dos homens instruídos que atualmente são pagas pelo sistema do escambo, com casa e comida e a ninharia de quarenta libras por ano. Mas ela deve fazer pressão, sobretudo, para que o Estado pague, por lei, um salário às mães dos homens instruídos. É o meio mais eficaz pelo qual podemos assegurar que as mulheres casadas tenham uma mente e uma vontade próprias, com as quais, se a mente e a vontade dele forem boas aos olhos dela, apoiar o marido e, se más, opor-lhe resistência – e, em qualquer caso, deixar de ser “a mulher dele”, e ser ela mesma.

Considere, ainda que correndo o risco de uma digressão, que efeito esse salário, proposto para aquelas cuja profissão é o casamento e a maternidade, teria sobre a taxa de natalidade, na própria classe em que a taxa de natalidade está caindo, na própria classe em que os nascimentos são desejáveis – a classe instruída. Da mesma forma que o aumento do soldo pago aos soldados resultou, como dizem os jornais, em mais recrutas para as forças armadas, o mesmo incentivo contribuiria para o recrutamento das forças gestantes que, é impossível negá-lo, são igualmente necessárias e igualmente honrosas, mas que, dada a pobreza e suas privações, estão atualmente deixando de atrair recrutas. Se o Estado pagasse à sua esposa um salário mínimo por seu trabalho (que, por mais sagrado que seja, dificilmente pode ser chamado de mais sagrado que o de clérigo; contudo, assim como o trabalho dele é pago sem menoscabo, o dela também poderia sê-lo) – se esse passo fosse dado, sua própria escravidão seria aliviada. Não precisariam ir mais para o escritório às nove e meia e ficar lá até as seis. Não seriam mais aquele que faz visitas médicas aos sábados,

não seriam mais o albatroz no pescoço da sociedade,<sup>40</sup> o viciado em compaixão, o depauperado escravo do trabalho implorando para ser reabastecido; ou, como diz Herr Hitler, o herói precisando de recreação, ou, como diz o Signor Mussolini, o guerreiro ferido precisando de dependentes do sexo feminino para enfaixar suas feridas. Mas, uma vez que foi preciso gastar trezentos milhões, mais ou menos, com as forças armadas, tal despesa com salários para as mães é, obviamente, para usar uma palavra conveniente utilizada pelos políticos, “impraticável”, e é hora de voltar para projetos mais viáveis.

As Outsiders se comprometeriam, pois, não apenas a ganhar a própria vida, mas também a ganhá-la tão habilmente que sua recusa a ganhá-la seria matéria de preocupação para o chefe. Também se comprometeriam a não ingressar em qualquer profissão hostil à liberdade, tal como a de fabricação ou aperfeiçoamento de armas de guerra. E se comprometeriam a não assumir cargos ou aceitar títulos honoríficos de qualquer instituição que, embora professando respeito à liberdade, a restringe, como as universidades de Oxford e Cambridge.<sup>41</sup> E em tudo isso, e em muito mais, que não temos tempo de detalhar, elas seriam assistidas, o senhor há de concordar, por sua posição de Outsiders, por aquela liberdade relativamente a lealdades irreais, por aquela liberdade relativamente a motivos interessados, que lhes são atualmente asseguradas pelo Estado.

Em termos gerais, a principal distinção entre nós, que estamos fora da sociedade, e vocês, que estão dentro da sociedade, é que, enquanto vocês farão uso dos meios proporcionados por sua posição – ligas, conferências, campanhas públicas, nomes ilustres, e todos os recursos públicos desse tipo que sua riqueza e influência política colocam ao seu alcance – nós, ficando de fora, faremos experimentos não publicamente, com meios públicos, mas privadamente, com meios privados.

#### IV

Examinemos três experimentos apenas, para que possamos provar nossa afirmação de que a Sociedade das Outsiders está ativa.

Falando num bazar, na última semana, na Igreja Batista Comum de Plumstead, a prefeita [de Woolwich] disse: ... “Eu mesma não cerziria sequer uma meia para ajudar no esforço de guerra”. Comentários desse tipo são considerados ofensivos pela maioria do público de Woolwich, que pensa que a prefeita foi, no mínimo, um tanto indelicada. Cerca de 12.000 eleitores de Woolwich estão empregados no Arsenal de Woolwich, fabricando armamentos.

Falando sobre o trabalho das grandes associações voluntárias para a prática de certos jogos, a srta. Clarke [srta. E. R. Clarke, do Conselho de Educação] referiu-se às organizações de mulheres em prol do hóquei, do lacrosse, do netball e do críquete, e destacou que, de acordo com suas regras, não é permitido conceder taça ou prêmio de qualquer tipo ao time vencedor. As balizas de suas partidas podem ser um pouco menores que as utilizadas nas partidas masculinas, mas as atletas jogavam por puro prazer, e pareciam provar que taças e prêmios não são necessários para estimular o interesse, pois o número de jogadoras continuava a crescer regularmente a cada ano.

Como terceiro exemplo, vamos escolher o que podemos chamar de experimento da passividade.

Uma mudança notável na atitude das mulheres jovens para com a igreja foi discutida pelo cônego F. R. Barry, vigário da igreja St. Mary the Virgin [University Church] em Oxford, na noite passada... A tarefa que a Igreja tinha diante de si, disse ele, era nada menos do que a de moralizar a civilização, e se tratava de uma grande tarefa cooperativa que exigia tudo aquilo com que os cristãos pudessem contribuir. Ela simplesmente não podia ser levada a efeito apenas pelos homens. Por um século, ou por um par de séculos, as mulheres predominaram nas congregações, na proporção, mais ou menos, de 75 para 25 por cento. A situação estava agora mudando, e o que o arguto observador notaria em quase todas as igrejas da Inglaterra era a escassez de mulheres jovens... Entre a população estudantil as mulheres jovens estavam, de modo geral, muito mais distanciadas da Igreja da Inglaterra e da fé cristã do que os homens jovens.

Trata-se, como dissemos, de um experimento passivo. Pois enquanto o primeiro exemplo era uma recusa direta a cerzir meias, que tinha como objetivo desencorajar a guerra, e o segundo, uma tentativa de estimular o interesse não competitivo nos jogos, o terceiro é uma tentativa de verificar o que aconteceria se as filhas dos homens instruídos deixassem de frequentar a igreja. Sem ser, em si, mais valioso do que os outros, é de interesse mais prático porque se trata, obviamente, do tipo de experimento que grande número de Outsiders pode pôr em prática sem muita dificuldade ou risco para elas. (Saber quanta luz isso lança sobre o poder que têm as Outsiders de abolir ou modificar outras instituições que elas desaprovam; ou saber se, no caso de elas deixarem de comparecer a banquetes, os banquetes deixarão de ser consumidos; se, no caso de elas rejeitarem títulos honoríficos, o sexo que o senhor representa também os recusará; se, no caso de elas deixarem de frequentar palestras sobre a literatura inglesa, essas palestras deixarão de ser dadas e a literatura inglesa ganhará uma nova vitalidade – são perguntas, perguntas frívolas, que podem muito bem funcionar como diversão e estimular nossa curiosidade.)

Os resultados de um desses experimentos são positivos e encorajadores: não há nenhuma dúvida de que a Igreja está ficando preocupada com a atitude, evidente nas universidades, das filhas dos homens instruídos relativamente à Igreja. Temos o relatório da Comissão dos Arcebispos sobre o Ministério das Mulheres<sup>42</sup> para prová-lo.

Quando, no ano de 1935, as filhas dos homens instruídos disseram que desejavam ter acesso à profissão religiosa, os padres, que correspondem, de certa forma, aos médicos e advogados das outras profissões, foram obrigados a fornecer bases tanto psicológicas quanto teológicas para sua recusa em admitir as mulheres ao sacerdócio. Convocaram, assim, o professor Grensted, D. D.,<sup>43</sup> ocupante da cátedra Nolloth de Filosofia da Religião Cristã da Universidade de Oxford, e lhe pediram que indicasse as bases psicológicas das opiniões e recomendações apresentadas pela

Comissão, que eram a favor da “ininterrupta tradição do sacerdócio masculino”. Esse foi o primeiro fato que ele investigou.

Trata-se, claramente, de um fato da maior importância prática que qualquer sugestão de que as mulheres deveriam ser admitidas ao nível e às funções da tríplice Ordem do Ministério suscite um sentimento exacerbado.<sup>44</sup> A evidência apresentada à Comissão demonstrou que esse sentimento exacerbado é predominantemente hostil a tais propostas... Esse sentimento exacerbado, em combinação com uma ampla variedade de explicações racionais, é evidência clara da existência de um motivo subconsciente poderoso e muito difundido. Na ausência de um material analítico detalhado, do qual parece não haver nenhum registro nessa direção específica, fica claro, entretanto, que a fixação infantil exerce um papel predominante em determinar o sentimento exacerbado com que todo esse tema é comumente abordado.

A natureza exata dessa fixação deve necessariamente variar de indivíduo para indivíduo, e as sugestões que podem ser feitas quanto à sua origem podem ser apenas de caráter geral. Mas, qualquer que seja o valor exato e a interpretação do material no qual as teorias do “complexo de Édipo” e do “complexo de castração” se basearam, fica claro que a aceitação geral da dominação masculina e, ainda mais, da inferioridade feminina, assentada em ideias subconscientes da mulher como “homem *manqué*”,<sup>45</sup> tem origem em concepções infantis desse tipo. Comumente, e até mesmo costumeiramente, essas concepções sobrevivem no adulto, a despeito de sua irracionalidade, e traem sua presença, por sob o nível do pensamento consciente, pela força dos sentimentos aos quais elas dão origem. É certamente com base nessa perspectiva que a admissão das mulheres às Ordens Sagradas, e especialmente ao ministério do santuário, é tão comumente vista como algo vergonhoso. Essa sensação de vergonha não pode ser vista sob nenhuma outra luz que não seja a de um tabu sexual irracional.

Enquanto o professor Grensted apresentava suas evidências, nós, as filhas dos homens instruídos, parecíamos estar vendo um cirurgião em plena atividade – um executante imparcial e científico, que, ao dissecar a mente humana, por meios humanos, punha a nu, para todos verem, qual é a causa, qual é a raiz que está na base de nosso medo. Trata-se de um óvulo. Seu nome científico é “fixação infantil”. Nós, pouco científicas, lhe chamamos pelo nome errado.

Um óvulo, dissemos nós; um germe. Sentimos o seu cheiro no ar; detectamos sua presença em Whitehall, nas universidades, na Igreja. Agora, indubitavelmente, o professor o definiu e deu-lhe um nome e o descreveu tão acuradamente que filha alguma de homem instruído, por mais que seja pouco instruída, poderá chamá-lo pelo nome errado ou interpretá-lo mal no futuro. É possível que o tenha suspeitado por dois mil anos, pelo menos; mas agora o sentimento familiar foi nomeado.

## V

Examinemos essa “fixação infantil” para podermos verificar qual sua relevância para a pergunta que o senhor nos fez. Há tantos casos de fixação infantil, tal como definida pelo professor Grensted, na biografia vitoriana, que quase não sabemos qual escolher. O caso do sr. Barrett da Wimpole Street é, talvez, o mais famoso e documentado.<sup>46</sup> Escolhamos, entretanto, um caso menos conhecido. Há o caso do sr. Jex-Blake.<sup>47</sup> Temos aqui um pai que não se defronta com o casamento da filha mas com o desejo dela de ganhar a vida. Esse desejo também parece ter provocado no pai um sentimento exacerbado, e um sentimento que também parece ter sua origem nos níveis situados por sob o pensamento consciente. Mais uma vez, com sua permissão, vamos denominá-lo como um caso de fixação infantil.

À filha, Sophia, foi oferecida uma pequena quantia para ensinar matemática; e ela pediu a permissão do pai para aceitar a oferta. Essa permissão foi instantânea e veementemente negada. “Minha querida, apenas agora fiquei sabendo que você pensa em ser *remunerada* para dar aulas. Seria algo muito abaixo de seu nível, querida, e *não posso consenti-lo.*” (A ênfase é do próprio pai.) “Aceite-o como um cargo honorífico e prestativo, e isso me fará feliz. Mas ser *remunerada* pelo trabalho significaria modificar *completamente* a situação e a rebaixaria, lamentavelmente, aos olhos de quase todo mundo.”

Por que estava abaixo do nível dela, perguntou, por que iria rebaixá-la? Aceitar dinheiro em troca de trabalho não rebaixa Tom<sup>48</sup> aos olhos de ninguém. Trata-se, explicou o sr. Jex-Blake, de uma questão completamente diferente: Tom era homem; Tom tinha uma família para sustentar; Tom tinha, portanto, seguido “o óbvio *caminho do dever*”.

Ainda assim, Sophia não estava satisfeita. Argumentou não apenas que era pobre e precisava do dinheiro, mas também que sentia fortemente “o honesto, e, creio, perfeitamente justificável, orgulho de ganhar a própria vida”. Assim pressionado, o sr. Jex-Blake finalmente revelou, sob um disfarce semitransparente, o verdadeiro motivo pelo qual ele objetava que ela recebesse dinheiro por seu trabalho. Ele se ofereceu para dar-lhe, ele próprio, o dinheiro se ela se recusasse a recebê-lo da faculdade. Estava claro, portanto, que ele não tinha objeções a que ela recebesse dinheiro; o que ele objetava é que ela recebesse dinheiro de outro homem.

Não podemos ter qualquer dúvida sobre o sentimento que estava na raiz dessa ressalva. Ele queria manter a filha sob seu poder. Se recebesse dinheiro dele, ela continuaria sob seu poder; se ela o recebesse de outro homem, ela não só estaria se tornando independente do sr. Jex-Blake – ela estaria se tornando dependente de outro homem. Que ele queria que ela dependesse dele e sentia, obscuramente, que essa desejável dependência podia ser assegurada apenas pela dependência financeira é demonstrado, indiretamente, por outra de suas veladas afirmações. “Se você se casasse amanhã de acordo com a minha preferência – e não creio que você jamais se casaria diferentemente – eu lhe daria uma grande fortuna.” Se ela se tornasse uma assalariada, ela poderia prescindir da fortuna e se casar com quem ela quisesse.

O caso do sr. Jex-Blake é muito facilmente diagnosticado, mas se trata de um caso muito importante porque é um caso normal, típico. O sr. Jex-Blake não era nenhum monstro da Wimpole Street; ele era um pai comum, fazendo o que milhares de outros pais vitorianos, cujos casos nunca foram divulgados, faziam diariamente. Trata-se

de um caso, portanto, que explica muito daquilo que está na raiz da psicologia vitoriana – aquela psicologia dos sexos que ainda é, nos diz o professor Grensted, tão obscura. O desejo da filha, de ganhar a vida, provoca duas formas diferentes de desconfiança. Cada uma delas é forte por si mesma; juntas, elas são fortíssimas. É ainda mais significativo que para justificar esse fortíssimo sentimento, que tem sua origem nos níveis situados por sob o pensamento consciente, o sr. Jex-Blake recorra a um dos subterfúgios mais comuns – o argumento que não é um argumento, mas um apelo às emoções. Ele apelou à sua condição de mulher.

Não há nenhuma dúvida – a fixação infantil é poderosa, até mesmo quando uma mãe a sente. Mas quando o pai está infectado, ela tem um triplo poder: ele tem a natureza para protegê-lo, ele tem a lei para protegê-lo, ele tem a propriedade para protegê-lo. Assim protegido, o reverendo Patrick Brontë pôde causar “agudo sofrimento” à filha Charlotte<sup>49</sup> por vários meses, ao fazê-la prometer não se casar quando ela queria, e pôde roubar vários meses de sua breve felicidade conjugal sem incorrer em qualquer censura por parte da sociedade na qual ele exercia a profissão de sacerdote da Igreja da Inglaterra; embora, tivesse ele torturado um cachorro ou roubado um relógio, essa mesma sociedade o teria destituído do cargo e decretado sua expulsão. A sociedade, ao que parece, era um pai, e também afligida pela fixação infantil.

Ignorantes como somos dos motivos humanos, e mal equipados de palavras, admitamos que nenhuma palavra expressa a força que no século dezenove se opôs à força dos pais. Tudo o que podemos com certeza dizer sobre essa força é que se tratava de uma força de um poder extraordinário. Ela abriu à força as portas da casa privada. Abriu a Bond Street e Piccadilly;<sup>50</sup> abriu os campos de críquete e os campos de futebol; tornou obsoletos os babados e os espartilhos; tornou a profissão mais antiga do mundo – é o que se diz, mas Whitaker<sup>51</sup> não fornece números – pouco lucrativa. Os pais, que haviam triunfado sobre os mais fortes sentimentos dos homens fortes, tiveram que se render.

## VI

Se esse ponto final fosse o fim da história, a última batida da porta, poderíamos nos voltar, uma vez mais, à sua carta e ao formulário que o senhor nos pediu para preencher. Mas não foi o fim; foi o começo. Na verdade, embora tenhamos utilizado o tempo verbal do passado, logo nos veremos utilizando o tempo do presente. Privadamente, é verdade, os pais se renderam; a porta foi arrombada. Mas os pais reunidos do lado de fora, nas sociedades, nas profissões, ficaram ainda mais sujeitos, ao que parece, à doença da fixação infantil do que os pais da vida privada. Que eles estavam afetados pela mesma doença é, ao que parece, se compararmos os sintomas, algo indiscutível.

Um dos motivos, o motivo do amor, que é tão evidente nos casos já citados e tão difícil para as filhas combater ou reconhecer, estava ausente, é bem verdade. Mas a doença adquirira outro motivo que a tornava ainda mais virulenta. Pois agora os pais tinham que proteger algo que estava tão entranhado neles como a condição de mulher, como a condição de filha, estava em suas filhas: vamos chamar isso, simplesmente, de “masculinidade”, e dar o assunto por encerrado. Um homem que não era capaz de ganhar sua própria vida fracassara no atributo primordial da masculinidade – a capacidade de sustentar a esposa e a família. Era esse direito que era agora questionado. Protegê-lo – e das mulheres – provocava, e provoca, não há como duvidar disso, um sentimento situado por sob os níveis do pensamento consciente e da mais extrema violência. É por essa razão, para citar o professor Grensted, que “a admissão das mulheres às ordens sagradas” – ou, na verdade, a qualquer profissão, pois elas são todas ordens sagradas – “é tão comumente considerada como algo vergonhoso. Esse sentimento de vergonha não pode ser visto sob qualquer outra perspectiva que não seja a de um tabu sexual irracional.”

E se, nos detendo na Inglaterra, ligarmos o rádio das notícias diárias, ouviremos, senhor, o que os pais que estão infectados pela fixação infantil estão agora dizendo:

O lar é o verdadeiro lugar das mulheres... Que voltem ao lar... O governo deveria dar emprego para os homens... Um forte protesto será feito pelo ministro do trabalho... Uma mulher foi indicada... As mulheres não devem mandar nos homens... Há dois mundos, um para as mulheres, outro para os homens... As mulheres estão cansadas de sua liberdade... Que aprendam a preparar o nosso jantar... As mulheres fracassaram. Fracassaram no tribunal... Fracassaram na medicina... Elas fracassaram... Elas fracassaram... Elas fracassaram...<sup>52</sup>

Ora, o clamor, o alvoroço, que a fixação infantil está causando neste exato momento é tão forte, senhor, que mal podemos ouvir a nós próprias falando; ele tira as palavras de nossa boca; nos faz dizer o que não dissemos. Ao ouvir as vozes, parece que ouvimos uma criancinha chorando dentro da noite, a noite negra que agora cobre a Europa, e em nenhuma outra língua que não a do choro:<sup>53</sup> “Ai, ai, ai, ai...”. Mas não é um novo choro; é um choro muito antigo. Estamos contemplando novamente a imagem, a mesma imagem de cadáveres e casas destroçadas que nos fez, no começo desta carta, sentir as mesmas emoções. O senhor as chamou de “horror e asco”. Nós as chamamos de “horror e asco”.

Mas essa imagem mudou à medida que esta carta prosseguia; uma outra imagem se formou, como costuma acontecer com as imagens, sobre aquela. Uma figura se impôs no primeiro plano. Trata-se da imagem de um homem. Alguns afirmam, outros negam, que se trata do próprio Homem em pessoa, a quintessência da virilidade, o tipo perfeito do qual todos os outros são esboços imperfeitos. Trata-se, certamente, de um homem; não há nenhuma dúvida quanto a isso. Os olhos estão vidrados; os olhos fuzilam. O corpo, que se sustenta numa posição pouco natural, está rigidamente envolto num uniforme. No peitilho do uniforme estão pregados diversos símbolos místicos e medalhas. A mão repousa sobre uma espada. É chamado de Führer em alemão e de Duce em italiano – em nossa própria língua, de Tirano ou Ditador. E atrás dele jazem casas e cadáveres – mulheres e crianças e homens também.

Essa é a imagem que se impôs a esta carta. Parece que é essa mesma imagem que se impôs sobre sua própria carta – a mesma

imagem, mas vista, inevitavelmente, de um ângulo diferente. Estamos, nós dois, de acordo que se trata da imagem do mal; estamos os dois determinados a fazer o que pudermos, o senhor com seus métodos, nós com os nossos, para destruir o mal que a imagem representa. E podemos estar ambos errados, não apenas quanto aos métodos pelos quais tentamos destruir o mal, mas quanto ao nosso julgamento.

Muitos homens, da mais elevada instrução, sustentam que a imagem é uma imagem, não do mal, mas do bem. A guerra, argumenta-se, traz à tona as qualidades mais nobres da humanidade. O Ditador, alega-se, não é nem uma ameaça nem um monstro, mas, pelo contrário, a consumação da masculinidade. Ele é a encarnação do Estado; o Estado é supremo; tanto os homens quanto as mulheres devem obedecer às suas ordens, sejam elas justas ou injustas. A obediência é tudo.

Por outro lado, alguns homens, também da mais elevada instrução, sustentam que a imagem é a imagem do mal. A guerra é desumana, horrível, nada natural, animalesca. O Ditador é um monstro. Suas ordens devem ser desobedecidas. O Estado não é supremo. O Estado é feito de seres humanos – de homens e mulheres livres, que devem pensar por sua própria conta.

Que juiz haveria que pudesse decidir qual opinião é certa, qual é errada? Não há nenhum juiz; não há nenhuma certeza no alto do céu ou na terra aqui embaixo. Tudo o que podemos fazer é examinar a imagem tão claramente quanto o sexo e a classe permitirem; fazer incidir sobre ela a luz que a história, a biografia e os jornais diários põem ao nosso alcance; e examinar tanto as razões quanto as emoções de forma tão desapassionada quanto possível.

É isso que tentamos fazer. A Sociedade das Outsiders – para dar-lhe um nome pomposo – é o resultado disso. As regras – para falar de forma um tanto pedante – são uma tentativa de materializar os resultados de nossa pesquisa. Finalmente, pois, chegamos ao que serve, temporariamente ao menos, como uma resposta à sua

pergunta. Dado nosso sexo, nosso passado, nossa instrução, nossas tradições, a melhor maneira pela qual podemos ajudar a evitar a guerra é observando essas regras. A melhor maneira pela qual podemos ajudar a evitar a guerra, tal como a sociedade é no presente e tal como somos no presente, é permanecer fora de sua sociedade. Tenho toda a confiança, senhor, de que lerá estas palavras corretamente e, portanto, não vamos nos estender.

Para voltar, finalmente, ao formulário que o senhor nos enviou e pediu que preenchêssemos, vamos deixá-lo, pelas razões dadas acima, sem assinatura. Mas para provar tão substancialmente quanto possível que nossos objetivos são os mesmos que os seus, eis aqui o guinéu: uma doação incondicional, dada incondicionalmente para ajudá-lo a afirmar “os direitos de todos – todos os homens e todas as mulheres – ao respeito, como indivíduos, dos grandes princípios da Justiça e da Igualdade e da Liberdade”.

### **Notas**

*Três guinéus (TG)*, o livro em que Virginia Woolf desenvolve o argumento de que existe uma estreita conexão entre masculinismo e militarismo, entre patriarcado e regimes ditatoriais, foi publicado, na Inglaterra, pela Hogarth Press, a editora do casal Woolf, em 2 de junho, e nos Estados Unidos, pela editora Harcourt, em 25 de agosto de 1938. No mesmo ano, a revista americana *The Atlantic Monthly* publicou, em duas partes, nas edições de maio e junho, uma versão bastante abreviada do livro, contendo umas poucas passagens adicionais. Estão ausentes dessa versão as cinco fotos que ilustram o livro, bem como as numerosas notas, da própria Virginia, que o acompanham. “As mulheres devem chorar” foi o título dado à primeira parte, enquanto o título da segunda repetia o título da primeira, com um acréscimo: “As mulheres devem chorar... Ou se unir contra a guerra”. Dei, aqui, o título da segunda parte, tal como apareceu na revista, ao conjunto dos artigos, mantendo, entretanto, em subtítulos, a titulação dividida da publicação original.

O título e o subtítulo do ensaio aludem a um verso do conhecido poema de Charles Kingsley (1819-1875), “Os três pescadores” (ver original e tradução abaixo). O poema gira em torno da história de três pescadores que saíram de barco para pescar e nunca mais voltaram: às mulheres que esperavam pela volta de seus maridos não lhes restava senão chorar.

*TG* se divide em três capítulos, estruturados em torno de uma carta fictícia escrita por uma missivista também fictícia a um fictício advogado inglês, em resposta a uma suposta carta do referido cavalheiro, pedindo a opinião da missivista sobre qual seria a melhor maneira de evitar a guerra. Obviamente, a versão resumida publicada na revista americana gira em torno da mesma carta fictícia em que o livro se centra, mas ela foi estruturada por Virginia de forma bastante diferente para se adequar às exigências da publicação em revista, embora a sequência da argumentação seja basicamente a mesma. Este texto é a tradução da versão resumida de *TG* que foi publicada na revista *The Atlantic Monthly*.

### **The Three Fishers**

Three fishers went sailing out into the West,  
Out into the West as the sun went down;  
Each thought on the woman who lov'd him the best;  
And the children stood watching them out of the town;  
For men must work, and women must weep,  
And there 's little to earn, and many to keep,  
Though the harbor bar be moaning.  
Three wives sat up in the light-house tower,  
And they trimm'd the lamps as the sun went down;  
They look'd at the squall, and they look'd at the shower,  
And the night rack came rolling up ragged and brown!  
But men must work, and women must weep,  
Though storms be sudden, and waters deep,  
And the harbor bar be moaning.  
Three corpses lay out on the shining sands  
In the morning gleam as the tide went down,

And the women are weeping and wringing their hands  
For those who will never come back to the town;  
For men must work, and women must weep,  
And the sooner it 's over, the sooner to sleep—  
And good-by to the bar and its moaning.

### **Os três pescadores**

Três pescadores saíram rumo ao ocidente,  
Rumo ao ocidente enquanto o sol caía;  
Cada um pensando na mulher amada, ternamente;  
E os filhos olhavam o barco que saía;  
Pois os homens trabalham e as mulheres choram.  
E é pouco o que ganham e muito o que laboram,  
Mas a barra do porto não cessa seu lamento.  
Três esposas na torre do farol se sentavam,  
E atizavam as lamparinas enquanto o sol caía;  
E olhavam a tempestade e o aguaceiro espiavam,  
E a névoa da noite encrespada e negra subia!  
Pois os homens trabalham e as mulheres choram,  
Mas os céus enegrecem e os raios não demoram,  
E a barra do porto não cessa seu lamento.  
Três cadáveres jaziam nas areias que brilhavam  
Sob o raio da manhã quando a maré desceu,  
E as três mulheres choravam e as mãos cruzavam  
Pelo marido que jamais veria a vila onde nasceu;  
Pois os homens trabalham e as mulheres choram.  
E quanto mais cedo termina, mais cedo ancoram...  
E um longo adeus à barra do porto e seu lamento.

Algumas das notas abaixo (dentre as que remetem às fontes de citações feitas no interior do ensaio) se baseiam nas notas da própria Virginia em *TG*. Socorri-me também das notas das seguintes edições conjuntas de *A Room of One's Own* e *Three Guineas*: Penguin (int. e notas de Michèle Barrett) e Oxford University Press (int. e notas de Anna Snaith); e das seguintes edições individuais de *Three Guineas*: Harverst/Harcourt (int. e notas de Jane Marcus) e

Shakespeare Head Press (int. e notas de Naomi Black). Recorri, além disso, às notas de Stuart N. Clarke ao texto de “Women Must Weep. Or Unite against War” incluído no v. 6 (1933-1941) dos ensaios de Virginia Woolf (*The Essays of Virginia Woolf*, v. 6, Hogarth Press, 2011), por ele organizado. Observe-se, finalmente, que os colchetes, no decorrer do texto, são da própria autora.

<sup>1</sup> Na verdade, Virginia reuniu numa única citação frases escritas por dois irmãos gêmeos, cujas vidas são lembradas no livro de John Buchan (1875-1940), *Francis and Riversdale Grenfell: A Memoir*, publicado em 1920 (disponível em [tinyurl.com/y875k47o](http://tinyurl.com/y875k47o)), de onde Virginia retirou as frases citadas. A primeira parte da citação (antes das reticências) refere-se a palavras de uma carta de Francis Octavius Grenfell (1880-1915), enquanto a segunda remete a palavras de uma carta de Riversdale Nonus Grenfell (1880-1914). Ambos morreram em ação, durante a Primeira Grande Guerra.

<sup>2</sup> As palavras citadas não são, propriamente falando, do piloto, mas de seu pai, Victor Bulwer-Lytton, segundo conde de Lytton (1876-1947), referindo-se, no livro *Antony (Viscount Knebworth)*, ao filho, Antony Bulwer-Lytton, visconde de Knebworth (1903-1933), membro do Parlamento inglês e piloto da Força Aérea Auxiliar, morto num acidente aéreo.

<sup>3</sup> Palavras do poeta inglês Wilfred Owen (1893-1918), em carta à mãe de maio de 1917, citada no livro *The Poems of Wilfred Owen. Edited with a memoir and notes by Edmund Blunden* ([tinyurl.com/yarzk34p](http://tinyurl.com/yarzk34p)), p. 25. Owen foi morto em ação, na Primeira Grande Guerra.

<sup>4</sup> *The Poems of Wilfred Owen* ([tinyurl.com/yarzk34p](http://tinyurl.com/yarzk34p)), p. 41.

<sup>5</sup> A expressão é retirada de um discurso feito por Gordon Stewart, 1º Visconde de Hewart (1870-1943), então no cargo de Lord Chief of Justice (ministro da Justiça) da Inglaterra, perante a Society of St George, e publicado na edição de 19 de outubro de 1935 do jornal *Daily Telegraph*. Lorde Stewart é a figura que aparece no primeiro plano da quarta das cinco fotografias reproduzidas na edição original de *TG*. A reprodução do discurso, sem identificação da fonte, faz parte do álbum de recortes que Virginia colecionava como matéria-prima para a redação de *TG*. O discurso de Lorde Stewart é a expressão exemplar do patriotismo que Virginia critica ao longo do livro. Ver, a propósito, a tese de doutorado de Alice Wood, *The Development of Virginia Woolf's Late Cultural Criticism, 1930-1941* ([tinyurl.com/y8dqe635](http://tinyurl.com/y8dqe635)) e, da mesma autora, o livro *Virginia Woolf's Late Cultural Criticism*. Sobre os cadernos de anotações de Virginia, num dos quais há uma entrada sobre o referido recorte, v. Brenda R. Silver, *Virginia Woolf's Reading Notebooks* ([tinyurl.com/y8g6pxf5](http://tinyurl.com/y8g6pxf5)).

<sup>6</sup> Em *TG*, Virginia é mais explícita sobre a discordância do clero inglês relativamente à guerra: “O bispo de Londres sustentava que ‘o real perigo para a

paz do mundo hoje são os pacifistas. Por mais que a guerra fosse ruim, a desonra era muito pior'. Por outro lado, o bispo de Birmingham descrevia a si próprio como um 'pacifista extremado... Não consigo conceber como a guerra possa ser vista como estando em consonância com o espírito de Cristo'".

<sup>7</sup> Em carta ao sobrinho, Julian Bell (1908-1937), morto na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), com data de 14 de novembro de 1936, Virginia escreveu: "Esta manhã recebi um pacote de fotografias da Espanha, todas de crianças mortas, atingidas por bombas – um presente animador".

<sup>8</sup> Segundo Stuart N. Clarke em *Essays*, v. 6, trata-se de alusão a uma frase de Neville Chamberlain (1869-1940), primeiro-ministro da Grã-Bretanha entre 1937 e 1940, publicada na edição de 19 de março de 1938 do jornal *The Times*: "Após ter informado oficialmente a Câmara dos Comuns sobre o bombardeio de Barcelona [...], o primeiro-ministro disse que não podia imaginar que alguém pudesse ter lido os relatos dos jornais sobre o que acontecera lá sem sentir horror e asco".

<sup>9</sup> Moeda de ouro que circulou na Inglaterra de 1663 a 1814, com o valor equivalente a uma libra ou vinte xelins. A denominação "guinéu", entretanto, sobreviveu até meados do século vinte, como um valor simbólico para pagar, em cheque (como na narrativa fictícia de *TG*), por certos bens ou serviços, como consultas médicas ou assinaturas de jornais, agora equivalente a uma libra e vinte e um xelins.

<sup>10</sup> Situação que perdurou até 1º de fevereiro de 1973, quando foi permitido às mulheres operarem na Bolsa de Valores de Londres, o "último bastião da misoginia", segundo a imprensa da época.

<sup>11</sup> No original: *to the Civil Service and to the Bar*. Refere-se à lei conhecida como Sex Disqualification (Removal) Act 1919, promulgada em 23 de dezembro de 1919, pela qual foi permitido às mulheres ocuparem funções na administração pública e no sistema judiciário.

<sup>12</sup> A palavra "Sereia" refere-se, aqui, àquelas senhoras da alta sociedade que promoviam saraus em seus salões para entreter, como diz Virginia, na nota 1 do cap. 3 de *TG*, "a aristocracia, a plutocracia, a intelligentsia, a ignorantsia, etc.", isto é, o grand monde da cultura, da política e do dinheiro.

<sup>13</sup> Era prática de certas bibliotecas tradicionais armazenar os livros nas prateleiras com as lombadas viradas para dentro e prendê-los, por uma corrente fixada na parte exterior da lombada, à parte de baixo da prateleira, o que permitia a consulta, mas não que fossem removidos da estante.

<sup>14</sup> A "marca de giz" lembra a passagem de *A Room of One's Own* em que a narradora, em visita a uma faculdade feminina de umas das universidades de prestígio da Inglaterra (Cambridge e Oxford), para dar uma palestra às alunas, é impedida, por um bedel, de caminhar pelo gramado, supostamente reservado apenas aos professores (homens) da universidade em questão, sendo obrigada,

em vez disso, a utilizar a trilha de cascalho. Segundo Naomi Black, em nota à edição Shakespeare Head de *TG*, as marcas de giz estão associadas a invocações de demônios, em que círculos traçados com giz são utilizados para restringir a participação na cerimônia apenas aos indivíduos autorizados.

<sup>15</sup> Em *TG*, Virginia atribui a frase a J. J. Thompson (1856-1940), físico britânico e professor do Trinity, uma das faculdades da Universidade de Cambridge. Thompson se referia às alunas das duas faculdades femininas de Cambridge, Newnham e Girton, nas quais, até 1948, as formandas recebiam, por correio, um diploma apenas nominal, sem nenhum valor no mercado de trabalho. Os pomposos títulos seriam, por exemplo, B. A., Bachelor of Arts, o título básico de graduação, atribuído, até 1948, apenas aos homens; F. R. S., Fellow of the Royal Society, indicando que seu portador pertencia à importante sociedade científica britânica; e O. M., Order of Merit, distinção conferida a homens que se distinguiam em algum campo científico ou profissional.

<sup>16</sup> Como observa Stuart N. Clarke, a própria Virginia recusou-se, mais de uma vez, a receber esse tipo de honraria, como anotou em seu diário: o título de Doctor of Letters, oferecido pela Universidade de Manchester (*Diários*, 25 de março de 1933); o título de Companion of Honour, concedido a pessoas de destaque nas artes, na ciência e na política: “Carta do primeiro-ministro oferecendo-se para me recomendar para o Companion of Honour. Não” (20 de maio de 1935); e, novamente, o título de Doctor, oferecido pela Universidade de Liverpool (3 de março de 1939).

<sup>17</sup> No original, *education of the private house*. Dada a centralidade, ao longo de todo o texto, da distinção entre a esfera privada e a esfera pública, traduzi “*private*”, consistentemente, por “privado” ou “privada”, ainda que, se consideradas isoladamente, algumas das combinações que contêm o adjetivo “*private*” pudessem ter uma tradução mais idiomática. É um tanto estranha, por exemplo, mais adiante, a expressão “irmão privado” (“*private brother*”), significando o irmão tal como ele é considerado ou se comporta em casa, em contraste com seu comportamento na esfera pública. Numa tradução mais idiomática, entretanto, o paralelismo com outras expressões que contêm o mesmo adjetivo seria perdido. Sobre essa expressão em particular, “irmão privado”, ver nota mais adiante.

<sup>18</sup> Trata-se de citação de uma carta verdadeira enviada pela London and National Society for Women’s Service, como esclarece nota da própria Virginia em *TG* (nota 1, cap. 2): “Para citar as palavras exatas desse apelo: ‘Esta carta é para lhe pedir para separar roupas para as quais não tem mais uso. [...] Meias, de qualquer tipo, não importa o quanto usadas, também são bem-vindas. [...] O comitê considera que ao oferecer essas roupas por uma pechincha [...] estará prestando um serviço realmente útil a mulheres cujas profissões exigem que elas tenham, o dia todo, roupas apresentáveis que elas não podem se dar ao luxo de

comprar”. A secretária, segundo Stuart Clarke, seria Philippa Strachey (1872-1968), amiga de Virginia.

<sup>19</sup> Virginia faz aqui, segundo Stuart Clarke, uma brincadeira para iniciados, uma vez que a segunda carta teria sido enviada por Pernel Strachey, diretora do Newnham College, de Cambridge, e irmã de Philippa Strachey.

<sup>20</sup> Na nota 6 do cap. 2 de *TG*, a própria Virginia fornece a fonte da citação: Ray Strachey, *Careers and Openings for Women*.

<sup>21</sup> Referência ao final do poema de Percy Bysshe Shelley (1792-1822), “The Question” [“A questão”]: “*Oh! To whom?*”.

<sup>22</sup> A própria Virginia fornece, na nota 21 do cap. 2 de *TG*, a fonte da citação: Robert J. Blackham, *Life of Sr Ernest Wild, K. C.* (K. C. é a abreviação de King’s Counsel, título concedido a advogados que são escolhidos como conselheiros jurídicos do monarca).

<sup>23</sup> Na nota 22 do cap. 2 de *TG*, Virginia cita a fonte: Lorde Baldwin, discurso mencionado no *The Times*, 20 de abril de 1936. Lorde Baldwin refere-se a Stanley Baldwin (1867-1947), que serviu como primeiro-ministro da Inglaterra em mais de um período.

<sup>24</sup> Na nota 23 do cap. 2 de *TG*, Virginia fornece a fonte: G. L. Prestige, *The Life of Charles Gore: A Great Englishman*. Charles Gore (1853-1932) serviu como bispo em várias cidades da Inglaterra.

<sup>25</sup> Cyril Argentine Alington (1872-1955), deão de Durham; William Ralph Inge (1860-1954), deão da Catedral de St. Paul.

<sup>26</sup> A fonte, segundo Virginia, na nota 24 do cap. 2 de *TG*, é M. E. Broadbent, *Life of Sir William Broadbent*.

<sup>27</sup> Rua de Marylebone, no centro de Londres, conhecida pela concentração de consultórios médicos aí instalados.

<sup>28</sup> Shoe Lane é uma travessa da Fleet Street, rua em que estavam localizadas as principais gráficas e sedes de jornais. Sydney Low (1857-1932) foi historiador e, como diz o texto, jornalista. O fato de estar aí no fim da tarde significa, possivelmente, que continuava trabalhando. A fonte da citação, segundo Virginia, na nota 25 do cap. 2 de *TG*, é Desmond Chapman-Huston, *The Lost Historian, a Memoir of Sir Sidney Low*.

<sup>29</sup> Naomi Black, na p. 198 da edição Shakespeare Press de *TG*, anota: “As larvas de certas mariposas que andam em ‘procissão’ criam trilhas de seda de modo que elas possam seguir umas às outras em fila única em busca de forragem”.

<sup>30</sup> Alusão à canção infantil “Here We Go Round the Mulberry Bush” [“Aqui vamos nós em volta da amoreira”] e, indiretamente, ao verso “Here we go round the prickly pear”, do poema “The Hollow Men” [“Aqui vamos à volta da figueira-da-índia”], de T. S. Eliot. Na sua introdução à edição Harcourt de *TG*, Jane Marcus observa: “A leitora estritamente racional é solicitada a fluir com o rodopio à volta

da 'amoreira' da propriedade privada, na figura que ela traça das compulsões do capitalismo e do patriarcado como uma brincadeira infantil. Como sempre na escrita de Woolf, a referência à canção infantil tem um propósito. Se estamos hipnotizados pela dança em volta da amoreira, como ela diz que estamos, será preciso lutar para nos livrarmos do feitiço que nos mantém leais a uma estrutura social opressiva”.

<sup>31</sup> Na nota 1 do cap. 1 de *TG*, Virginia remete a citação ao livro *The Life of Mary Kingsley*, de autoria de Stephen Gwynn. Mary Kingsley (1862-1900) foi uma escritora e exploradora inglesa.

<sup>32</sup> Virginia Woolf tinha um especial interesse pelas vidas de pessoas obscuras. No ensaio “The Lives of the Obscure”, publicado em diferentes versões, entre 1924 e 1925, ela se concentra em algumas dessas vidas.

<sup>33</sup> Florence Nightingale (1820-1910), a conhecida fundadora da enfermagem moderna; Anne Jemima Clough (1820-1892), educadora inglesa; Gertrude Bell (1868-1926), escritora e arqueóloga inglesa.

<sup>34</sup> Segundo Naomi Black, em nota à edição Shakespeare Head de *TG*, a frase seria uma versão aproximada do slogan do grupo “For Intellectual Liberty”, fundado em fevereiro de 1936, em apoio aos intelectuais franceses que lutavam contra as pressões direitistas no seu país.

<sup>35</sup> Alusão ao “Arthur’s Education Fund”, explicitamente mencionado em *TG*. A referência é ao romance *The History of Pendennis: His Fortunes and Misfortunes, His Friends and His Greatest Enemy* [A história de Pendennis: suas aventuras e desventuras, seus amigos e seu grande inimigo], de William Makepeace Thackeray (1811-1863), situado na Inglaterra do século dezenove. Ao morrer, o pai de Arthur Pendennis, o personagem central, deixara-lhe um fundo financeiro sob a rubrica A. E. F. ou Arthur’s Education Fund, destinado ao custeio de sua educação numa das prestigiosas universidades britânicas (Oxford e Cambridge). Virginia o toma, em *TG*, como símbolo do dinheiro dispendido pelas famílias de classe média ou alta com a educação de seus filhos homens, em detrimento da educação formal de suas filhas.

<sup>36</sup> O ano de 1870 parece se referir ao ano em que se estabeleceu a primeira faculdade inglesa destinada às mulheres. Mais precisamente, entretanto, na Inglaterra, a primeira faculdade feminina, Girton, foi estabelecida em 1869, na Universidade de Cambridge. Em 1871 foi fundada a segunda, Newnham, também em Cambridge. A primeira faculdade feminina da Universidade de Oxford, Somerville, foi estabelecida em 1879. Quanto ao ano de 1262, Virginia parece aludir a algum evento fundador de uma das primeiras universidades inglesas, Oxford e Cambridge, que tiveram seu início, respectivamente, em 1096 e 1209. Naomi Black, na edição Shakespeare Head de *TG*, sugere que Virginia poderia ter erroneamente trocado 1226 – ano em que se faz a primeira

referência oficialmente registrada ao diretor de uma faculdade, mais especificamente, ao diretor do New College, de Oxford – por 1262.

<sup>37</sup> Para além do valor programático dessa argumentação, sabe-se o quanto Virginia era avessa a tornar públicos detalhes de sua vida privada e, em especial, a se deixar fotografar para fins jornalísticos. Em carta ao jornal *New Statesman*, em outubro de 1933, depois de condenar as práticas intrusivas dos jornalistas em geral, ela propõe uma “Sociedade para a proteção da privacidade, cujos membros deveriam jurar não permitir serem fotografados, desenhados ou caricaturados para aparecer nos jornais sem seu consentimento; não dar entrevistas; não dar autógrafos; não comparecer a jantares oficiais; não falar em público; não falar com admiradores desconhecidos, providos de cartas de apresentação fornecidas por seus amigos e assim por diante. [...] Como prova de boa fé, posso acrescentar que estou disposta a prestar tal juramento e a contribuir com não menos que cinco guinéus em favor de qualquer sociedade que nos livre dessas pragas”.

<sup>38</sup> Áreas de Londres em que se concentram os edifícios dos órgãos governamentais e legislativos.

<sup>39</sup> Com essa expressão, Virginia quer significar, como já explicitado em nota anterior, o irmão tal como ele é conhecido e se comporta em casa, na esfera privada, em oposição ao irmão mais agressivo da esfera pública. Sua experiência com o irmão Thoby (para não falar de sua experiência, bem mais traumática, com seus meios-irmãos), entretanto, tal como narrada por ela própria, em *Moments of Being* (Momentos de ser), não parece demonstrar tanta diferença assim entre os “dois” irmãos: “Estava lutando com Thoby no gramado. Estávamos nos esmurrando com os punhos. Assim que levantei o punho para batê-lo, pensei: para que machucar outra pessoa? Abaixei a mão instantaneamente e fiquei ali e deixei que ele me batesse. Lembro da minha sensação. Era uma sensação de desesperançosa tristeza. Era como se eu tivesse me tornado consciente de algo terrível; e da minha própria impotência”.

<sup>40</sup> Isto é, um fardo nos ombros da sociedade. Alusão ao poema de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), “The Rime of the Ancient Mariner”, em que o marinheiro do título mata um albatroz que seguia o barco; ato que, segundo os outros marinheiros, teria sido responsável pelas desgraças que se seguiram, uma vez que o albatroz é, em geral, considerado sinal de boa sorte. Para lembrá-lo do ato que lhes trouxe a má sorte, eles penduram o pássaro morto em volta de seu pescoço.

<sup>41</sup> Stuart N. Clarke anota que, embora, em 1920, a Universidade de Oxford tivesse passado a conferir graus efetivos às mulheres, elas eram banidas dos clubes e das associações universitárias, e suas faculdades só obtiveram reconhecimento pleno da universidade em 1959.

- <sup>42</sup> Ministério das Mulheres – por “Ministério” entenda-se, aqui, o exercício do sacerdócio.
- <sup>43</sup> *Doctor of Divinity*, título honorário concedido a pessoas que tenham se distinguido no estudo da teologia.
- <sup>44</sup> No original, “threefold Order of the Ministry”: refere-se à divisão, na Igreja Anglicana, da hierarquia sacerdotal, entre os níveis de bispo, padre e diácono.
- <sup>45</sup> Em francês, no original: homem fracassado.
- <sup>46</sup> O sr. Barrett é Edward Barrett, pai da poeta inglesa Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), retratada, sob a perspectiva do seu cão Flush, no livro homônimo de Virginia (Autêntica Editora). Edward Barrett, pai dedicado mas severo, tinha ideias e regras estritas, que incluíam a proibição implícita de que seus filhos (doze, dos quais apenas nove chegaram à vida adulta) se casassem – os que ousassem infringi-la eram sumariamente deserdados. Elizabeth, apesar da imensa afeição e respeito que tinha pelo pai, ousou fazê-lo. Após um breve período de namoro, casou-se clandestinamente com o também poeta Robert Browning, fugindo com ele para a Itália, estabelecendo-se em Florença.
- <sup>47</sup> Thomas Jex-Blake, pai de Sophia Louisa Jex-Blake (1840-1912), médica e ativista feminista inglesa. Ela enfrentou a objeção do pai não apenas para ganhar a vida dando aulas, tal como narrado nesta passagem, mas também, mais tarde, para estudar medicina. Na nota 34 do cap. 3 de *TG*, Virginia registra que as citações são extraídas do livro *The Life of Sophia Jex-Blake*, de autoria de Margaret Todd.
- <sup>48</sup> Thomas William Jex-Blake (1832-1915), irmão de Sophia.
- <sup>49</sup> Charlotte Brontë (1816-1855). Embora o pai se opusesse ao casamento com Arthur Bell Nicholls (1819-1906), eles acabaram se casando. Na nota 33 do cap. 3 de *TG*, Virginia credita a citação ao livro de Elizabeth Cleghorn Gaskell (1810-1865), *The Life of Charlotte Brontë*.
- <sup>50</sup> Bond Street é uma das ruas que desembocam no Piccadilly Circus. Como zona de prostituição, não era permitido que as filhas de “boa família” a percorressem desacompanhadas. O sentido da passagem é que às mulheres tinha sido agora franqueado o direito de percorrê-la sozinhas. Na nota 38 do cap. 2 de *TG*, ela escreve: “A castidade era invocada para impedi-la de estudar medicina; de pintar nus; de ler Shakespeare; de tocar em orquestras; de andar pela Bond Street desacompanhada”.
- <sup>51</sup> Isto é, o *Whitaker’s Almanack*, livro de referência publicado anualmente, na Inglaterra, desde 1868. Virginia retirou muitos dos dados sobre a situação das mulheres na Inglaterra, utilizados em *TG*, desse almanaque.
- <sup>52</sup> Excertos de matérias de jornais ingleses da época, originários dos inúmeros recortes que Virginia reuniu em preparação para a escrita de *TG* e devidamente referidos em notas do cap. 2.

<sup>53</sup> Alusão a uma passagem do poema “In Memoriam A. H. H.”, de Alfred Lord Tennyson (1809-1892): “*So runs my dream: but what am I? / An infant crying in the night: / An infant crying for the light: / And with no language but a cry.*” [“Assim se dá meu sonho: mas quem sou eu? / Uma criança chorando na noite: / Uma criança chorando por luz: / Mas sem nenhuma língua que não o choro.”]